

CONDE D'EU

1842 - 1922



O Conde d'Eu em 1872

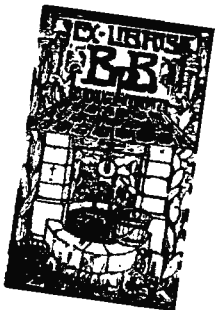
BIBLIOTHECA PEDAGOGICA BRASILEIRA
Serie V BRASILIANA Vol. XI

Luis da Camara Cascudo

CONDE D'EU



COMPANHIA EDITORA NACIONAL
RUA DOS GUSMÕES, 26-28-30 - SÃO PAULO - 1933



03 n. 918. 1
B 823
n. 14

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO	
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS	
BIBLIOTECA	
Nº	DATA
28471	25/11/80

~~Baldone
- 322 -
- 1955 -~~

C

DO MESMO AUTOR

- ALMA PATRICIA. — Atelier Typ. Manuel Victorino. Natal. 1921.
- HISTORIAS QUE O TEMPO LEVA... — (prefacio de Rocha Pombo.) Ed. Monteiro Lobato. São Paulo. 1924.
- JOIO — Off. Grap. d'“A IMPRENSA”. Natal. 1924.
- LOPEZ DO PARAGUAY — (tres ensaios de sociologia e Historia sulamericana.) Typ. d'“A REPUBLICA”. Natal. 1927.
- VERSOS DE LOURIVAL AÇUCENA — 1827-1907. (prefacio e notas.) Typ. d'“A IMPRENSA”. Natal. 1927.
- VIOLÃO, VOZ DA RAÇA. — (revista do Centro Polymathico) Natal. Agosto. 1920.
- NOVA EXPRESSÃO DE ARTE EM LITTERATURA. (rev. do Centro Polymathico) Natal. Novembro de 1920.
- PADRE JOÃO MARIA. — (rev. do Centro Polymathico.) Março de 1921. Natal.
- ABOIADOR. — (Revista do Brasil.) Julho de 1921. São Paulo.
- JESUS CHRISTO NO SERTÃO. — (Revista do Brasil). São Paulo. 1922. Julho.
- RONDA DE MUERTE. — Inicial. Buenos Aires. 1923.
- CAIPORA, DIOS SELVAJEM. — Fray Mocho. Buenos Aires.
- DOS CULTOS DESAPARECIDOS NO NORDESTE BRASILEIRO. — *Diario de Pernambuco*. Edição do centenario de sua fundação. Novembro de 1925. Recife.
- JOSE' BONIFACIO, O MOÇO: — Discurso do orador do corpo discente da Faculdade de Direito de Recife a 8 de novembro de 1927. *Diario da Manhã*. Recife. *Diario Nacional*. São Paulo.

- SOBRE O SENHOR DOM PEDRO II. — Discurso do orador oficial do Instituto Archeologico Pernambucano. 1925. Rev. do Instituto Historico do Rio Grande do Norte. 1929.
- NOTAS PARA A HISTORIA DO ATHENEU NORTE RIO GRANDENSE. n° "A REPUBLICA". Natal. 1929.
- SUPERSTIÇÕES METEOROLOGICAS. — Boletim do Museu Nacional. Março. Rio. 1929.
- MALVADO DE SÃO CHRISTOVÃO. — Feira Literaria. Vol. X. São Paulo. Outubro de 1929.
- A ESCRAVARIA NA EVOLUÇÃO ECONOMICA DO RIO GRANDE DO NORTE. — Revista Nova. S. Paulo. Março de 1931.
- BRAZÃO HOLANDEZ DO RIO GRANDE DO NORTE. — Lido no Instituto Historico. Natal. 1931.
- ALVARES DE AZEVEDO E OS CHARUTOS. — Revista Nova. Edição do centenario do poeta. S. Paulo. Setembro de 1931.

A PUBLICAR

- O MARQUEZ DE OLINDA E SEU TEMPO. (Editorial Duco. Rio).
- HISTORIA DA LITERATURA NORTE RIOGRANDENSE.
- HISTORIA DA REPUBLICA NO RIO GRANDE DO NORTE.
- TOPONIMIA NORTE RIOGRANDENSE.
- POETICA SERTANEJA (ensaio sobre a tecnica da poesia sertaneja).

“BRINDO O SENHOR CONDE D’EU, MEU
COMPANHEIRO D’ARMAS, PELO SEU VA-
LOR, PELA SUA CORAGEM E PELA JUS-
TIÇA COM QUE ADMINISTROU O EXERCI-
TO: BRINDO-O PORQUE NO PARAGUAI
DEU SEMPRE PROVAS DE AMAR O BRASIL
E SE DEVOTOU D’ALMA AÕ SEU SERVI-
ÇO COMO OS BRASILEIROS QUE LÁ SER-
VIRAM.”

GENERAL MANUEL LUIS OSORIO,
(Marquez de Herval.)

(Discurso no banquete de 25 de maio de 1877.)



O Conde d'Eu criança. Quadro de Winterhalter.
Museu do Louvre. Paris

INDICE

Genealogia da quarta Casa d'Orleans	11
O Rei Luis Felipe e seus filhos	18
Unidade do principio monarchico	28
O duque de Nemours	38
Gastão d'Orleans, conde d'Eu	45
O Principe-Consorte	48
Principe-Soldado	55
General-em-Chefe	61
O final da "Pequena Guerra"	69
O Strategôs	84
O Conde d'Eu abolicionista	90
As lendas impopularisadoras	96
O Conde d'Eu perante a Republica	110
No exilio...	117
O regresso emocional	126
Adendos	135



O Conde d'Eu com 28 anos: 1870

CONDE D'EU

GENEALOGIA DA QUARTA CASA D'ORLEANS

Felipe d'Orleans, filho de Luis XIII de França e de Ana d'Austria, nasceu em 1640 e morreu em 1701. O titulo de duque d'Orleans estava sendo usado pelo seu tio, João Batista Gastão, filho de Henrique IV e de Maria dei Medicis, que tambem fôra duque de Anjou, então do sobrinho Felipe. Quando Gastão morreu em 1660 é que Felipe passou a duque d'Orleans e, sendo mano do rei de França, tinha o tradicional tratamento de "Monsieur". Casou em 1661 com Henriqueta, irmã de Carlos II da Inglaterra. Nasceram-lhe quatro filhos destas nupcias apenas vivendo dois: Maria Luiza (1662-1689) que se casou com o rei Carlos II de Espanha e Ana

Maria (1669-1728) que em 1684 se matrimoniou com Vitor Amadeu, duque de Savoia. Maria Luiza casára em 1679 com o tristonho herdeiro de Carlos V, imperador e rei, dono de dois mundos. Carlos II, vergonteá merencoria e exausta da arvore famosa, teve em sua mulher a restea de luz sonora que alumiu seu crepusculo prematuro. Como não houve filhos nasceu d'aí a sucessão de Espanha que levaria um Bourbon para o trôno faustoso.

Felipe d'Orleans enviuvou de Henriqueta. Esta teve o elogio funebre pronunciado por Bossuet, bispo de Meaux, claro e alto como um sol. Em 1671 Felipe casôu com uma alemã, uma filha do Eleitor Palatino, a princeza Carlota Isabel, simples, solida, impulsiva, com gestos de granadeiro e de um bom-humor feroz. Dois filhos surgiram. Uma filha, Izabel Carlota (1676-1744) casada com Leopoldo, duque da Lorena e um filho, tambem Felipe d'Orleans, chamado o "Regente"...

Felipe d'Orleans, o Regente, (1674-1723) foi primeiramente duque de Chartres enquanto viveu seu pai. Morava em Versailles. Impecavel de polidez, de finura, de bôas maneiras, dissolu-

to, altivo, duma intelligencia aguda e pronta, intrepido soldado, ferido em Steinkerque, em Neerwinden onde cinco vezes carregou contra o inimigo à frente das colunas de assalto, espirotuoso, espada valorosa nas guerras da Sucessão de Espanha, era uma sintheze feliz de vicios e de virtudes. Para agradar Luis XIV casou com sua filha bastarda, a Melle. de Blois, o que lhe custou ser esbofeteado em plena côrte por sua mamãi (1).

Regente de França, durante a menoridade de Luis XV, cumpriu à risca a profecia de sua mãi. A princeza palatina dizia que o filho "*avait tous les talents, excepté celui d'en faire bon usage*".

O principe que admite a divisão dos poderes na Polisinodia, favorece a tentativa financeira de Law, disciplina a aristocracia, é uma

(1) Francisca Maria, a Melle. de Blois, 1677-1749, filha de Madame de Montespan e de Luis XIV, era uma das preferidas pelo "Rei Sol". Alem da afirmativa de prestigio que esta ligação traria ao então duque de Chartres, havia o argumento genealogico de ingressar o ramo Orleans na linha direta dos Bourbons.

E' ainda o juizo dos registos enciclopedicos. Diz a Enc. Brit: — "*Philip married a natural daughter of Louis XIV and in this way the later princes of Orleans are descended from the Grand Monarque.*"

afirmativa de valor pessoal, antevendo reformas, sonhando o futuro nivelador dum mundo que ele não conheceria jamais. De seu casamento com a filha de Mme. de Montespan deixou um casal. O filho, Luis d'Orleans e a filha, Luiza Izabel (1709-1742) casada aos treze anos com dom Luis, principe das Asturias, mocinho de quinze anos doentes, empurrado pelo pai, Felipe V, ao trôno para morrer no mesmo ano do governo, 1724. Felipe V, mordido de macacôas, de puerilidades devotas, cheio de sestros e trejeitos, voltou a desgovernar a Espanha convulsa e agonisante. . . .

Luis d'Orleans, o filho do Regente, 1703-1742, duque de Chartres e depois d'Orleans, assumiu o titulo quando o pai, cansado de tédio, morreu duma apoplexia.

Sereno, culto, letrado instintivo, traduzindo os salmões e as epistolas de São Paulo, organisando um magnifico laboratorio de historia natural que legou ao sabio Guettard, morreu no convento de Santa Genovéva onde fazia retiradas asceticas e contemplativas. Casara com uma princeza de Baden, Maria Joana, em 1724. A morte de Maria Joana anoiteceu a vida do duque d'Orleans. E'



O Conde d'Eu em Dezembro de 1863, Capitão de Cavalaria do Exército Espanhol. Foto tirado em Barcelona.

uma singular figura de homem puro, doce, instruído e desambicioso, fazendo versos e estudando latim, sem maiores horizontes que os da existencia domestica e da inexaurível caridade de coração.

Luis Felipe, seu filho (1725-1785), duque de Chartres e, com a morte paterna, duque d'Orleans, orientou para as armas sua atividade fervente. General illustre, arrebatado, sofrego de perigos, de audacias e de loucuras guerreiras, combateu em Dettinger, em Fontenoy, em Raucoux, em Lawfeld, em Hastembeck. Foi um exemplar esplendido de fidalgo batalhador, cavalheiresco e senhorial, cumprimentando antes de carregar e fazendo ondular as plumas brancas de seu tricornio em todas as campanhas inesqueciveis. Em 1743 casara com Luiza Henriqueta de Bourbon-Conti. Enviuvando em 1759 matrimoniou-se com madame de Montesson. À maneira de Luiz XIV o duque d'Orleans nunca comunicou oficialmente esse casamento morganatico. Da princeza de Bourbon-Conti teve dois filhos: — Luis Felipe José e Luiza Tereza Batilde (1750-1822), duqueza de Bourbon. Como seu pai, que distribuia esmolas por todo Paris faminto, Luis Felipe espalhou renome lindo de caritativo, familiar e accessivel.

Luis Felipe José, nascido em 1747, morreu guilhotinado a 6 de novembro de 1793. Duque de Montpensier até a morte de seu avô, duque de Chartres até o falecimento de seu pai, teve então o titulo d'Orleans. Sua educação se distanciou de seu pai que era um soldado, para reunir-se à do avô que era letrado. Elegante, ambicioso de postos de mando, brilhante conversador, envolvido nas intrigas da côrte onde a bondade de Luis XVI emprestava inconsciente prestigio à politica dispersiva de Maria Antoniêta, o duque d'Orleans depressa se tornou inimigo da rainha e seu nome esteve à frente de todas as grandes batalhas e manobras para ruinar o "partido austriaco". Casou com uma filha do duque de Penthièvre, Luiza Maria Adelaide de Bourbon. Seus vinte e dois anos de seiva borbulhante atiraram-no para a "esquerda", com patente simpatia aos "leaders" populares que podiam dizer o que ele sentia a respeito da côrte e sua politica. Conventional, votou pela morte de Luis XVI.

Luis Felipe José aceitara abertamente as idéas da revolução julgando que seu nascimento não o apontava como um eterno candidato ao poder. Apesar de chamar-se "Felipe Egalité", pois

a igualdade seria a virtude pouco compatível com sua jerarquia, o movimento robespierriano do "Terror" apanhou-o e o príncipe rebelado morreu como um chefe popular. Deixara quatro filhos. Luiz Felipe, o mais velho, Antonio Felipe, duque de Montpensier (1776-1807), Luis Carlos, conde de Beaujolais (1779-1808) e as gêmeas Melle. de Chartres e Eugenia Luiza Adelaide (1777-1848) a "Madame Adelaide", Egeria prudente de seu irmão.

Luis Felipe (1773 e morreu na Inglaterra, castelo de Claremont, a 26 de agosto de 1850) foi o rei dos Francezes de 1830 a 1848. Saído de França na revolução, errara pela Suíça, desconhecido, pauperrimo, sem amigos, sem auxílios, desprezado pelos irmãos de Luis XVI que não perdoavam seu pai ter-se chamado "Egalité" e votado pela morte do rei de França. Fiquou-se em Reichnau ensinando matematicas por mil e quatrocentos francos de salario. Assim passou quinze mezes e encontrou-se bruscamente duque d'Orleans, sem casa, sem pão e sem abrigo. Alguns ganhos puderam completar sua educação. Viajou pela Alemanha e pela Europa do Norte. Foi aos Estados Unidos tentar for-

tuna. O condê de Provence, o futuro Luis XVIII, reconheceu-o como “príncipe francez” e lhe deu uma pequena pensão à custa do imperador da Russia. A 25 de novembro de 1809 o duque d’Orleans casou com Maria Amelia, filha de Fernando I.º, rei das Duas Sicilias. Voltando à França Luis Felipe limitou-se a ser querido pelo povo que nele revivia as virtudes de bondade, agasalho, facil aproximação e simplicidade que eram apá-nagios dos principes de sua casa. Carlos X, o derradeiro irmão de Luis XVI, galopava para o exilio e a multidão invadia, aclamando, a residencia do duque d’Orleans. Luis Felipe, o Rei-Burguez, o Rei-Guarda-Nacional, inaugura a monarchia de julho.

O REI LUIS FELIPE E SEUS FILHOS

O rei Luis Felipe e seus filhos constituem, num quadro de Ingres, um detalhe inesquecivel para a historia da inteligencia franceza. Nunca Paris possuira ao mesmo tempo uma galeria tão

expressiva de sua graça e da enfeitiçante espiritualidade raciaes. Os oito filhos do rei, qualquer um, indistintamente, era uma soma distinta de coragem pessoal e de talento espontaneo. Principes escritores e viajantes, comprando quadros e fazendo arte, espalharam por todos os ventos do quadrante o perfume perturbador da cultura franceza. O senhor principe de Metternich, que o marquez de Rezende chamava “afortunado corcunda”, dizia, referindo-se aos Orleans: — *“rapazes como poucos e principes como nenhuns.* Os oito filhos eram —

Fernando, duque d’Orleans, nasceu em Palermo em 1810 e morreu em Paris num desastre de carro, a 13 de julho de 1842. Casara com a princeza Helena Luiza Izabel de Mäcklemburgo Schwarin (1814-1858) tendo dois filhos: — Luis Felipe, conde de Paris (1838-1894) e Roberto, duque de Chartres (1840-1910). O duque d’Orleans foi uma impressionante figura de distinção moral e de aprumo politico. Energico e generoso, habil em presentir os acontecimentos e deles aproveitar a mais linda parte, conquistou o renome pela caridade e a fama pela serena coragem de seus gestos despreocupados e altos. Com

o marechal Soult pacificou em 1831 uma intentona em Lyon. A arma unica que usou foi a moderação e o tacto. Durante a epidemia de cholera que alagou Paris de terror e de morte o duque d'Orleans abnegou-se. Firmou o dominio moral sobre os parisienses neste 1832 quando sua presença nos lugares empestados era natural e continua. Em 1834 recebia a promoção de tenente-general e acompanhou Clausel à Argelia em 1835 com seu irmão d'Aumale. Ha na Argelia a tradição de sua impassivel valentia. Reconheceu as Portas de Ferro, comandou em Medéa e em Mouzaia. 1840.

Maria Luiza, 1812-1850, casou com Leopoldo, primeiro rei da Belgica. (1790-1865).

Maria Cristina. 1813-1839. Discipula de Ary Scheffer, de Fielding e de David, pintora e escultora, delicada e sensivel, passou depressa pela vida como uma sombra de perfume e de graça melancolica. Em 17 de outubro de 1837 casou com Alexandre (1804-1881) do ramo ducal do reino de Wurtemberg.

Luis, duque de Nemours, 1814-1896.

Maria Clementina, 1817-1907, casou-se em 1843 com o duque Augusto de Saxe Coburgo Go-

tha. (1818-1881). Era a mais linda das filhas do rei. Carlos X vendo-a disse para seu futuro successor: — “Se eu tivesse quarenta anos menos esta creança seria a rainha de França”. Felizmente Carlos X tinha nesta epoca a idade de ser avô da princeza Clementina. O duque Augusto de Saxe Coburgo Gotha era filho de Fernando Jorge Augusto. Clementina e Augusto são os páis de Augusto de Saxe Coburgo Gotha que se casou com Leopoldina de Bragança, filha de D. Pedro II, do Brasil, Felipe casado com Luiza, filha de Leopoldo II° da Belgica, Fernando que de 1887 até 1918 foi czar dos Bulgaros, etc.

Fernando, principe de Joinville. 1818-1900. Fez carreira naval. Escritor elegante, atico, delicioso em suas memorias, artigos e cronicas narrando sua epoca. Contra-almirante em 1843. Comandou a esquadra que bombardeou Mogador em 1844. Par de França um ano antes. Trouxe de Santa Helena em 1840 os restos de Napoleão Bonaparte à bordo da “Belle Poule”; Exilado em 1848 foi em 1871 eleito para a Assémléa Nacional e voltou para seu posto de almirante. Retirou-se do serviço em 1875. Casara no Rio de Janeiro, a 1.º de maio de 1843, com a princeza Do-



O Conde d'Eu em 1864 quando casou

na Francisca de Bragança, filha do imperador D. Pedro I.º, (1824-1898). Filhos: — Francisca que se casou com Roberto, duque de Chartres, seu primo e Pedro, duque de Penthièvre.

Henrique, duque d'Aumale, 1822-1897. Com 17 anos alistou-se no Exercito e tomou, com 21 anos, a *smala* de Abd-el-Kader. Fôra apenas uma loucura feliz. O coronel Charras resumiu o feito de 16 de maio de 1843 com poucos periodos:

“... pour entrer comme l'a fait le duc d'Aumale avec 500 hommes, au milieu d'une pareille population, il fallait avoir vingt-deux ans, ne pas savoir de que c'est que le danger ou bien avoir le diable dans le ventre. Les femmes seules n'avaient qu'à tendre les cordes des tendes sur le chemin des chevaux pour les culbuter, et qu'à jeter leurs pantoufles à la tête des soldats pour les exterminer tous, depuis le premier jusqu'au dernier”.

Tenente-General. Em 1847 foi nomeado Governador geral das possessões francezas n'Africa. A revolução apeiando seu pai expulsou-o dum caminho cheio de vitorias esplendidas. Ficou na

Inglaterra. Era o mais rico dos Orleans porque recebera a herança dos príncipes de Condé. Começou a escrever. A linda "Historia dos Príncipes de Condé" (1869-95) surgiu. "Instituições Militares de França", 1868. "Escritos Politicos", 1868, foram aparecendo. A Historia dos príncipes de Condé sagra um historiador e revela um artista. Durante a guerra de 1870-71 d'Aumale debalde solicitou seu regresso para o Exercito. Revogada a lei do exilio voltou imediatamente. Membro da Academia Franceza. Em março de 1872 reintegrou-se no seu lugar no Exercito como general de divisão. Fez um pouco de politica, ativamente a queda de Thiers mas se absteve de ir com seu sobrinho, o conde de Paris, procurar o conde de Chambord em Frohsdorf. Presidiu em 1873 o processo de onde saiu a condenação do marechal Bazaine. Comandou o setimo corpo de Exercito e em 1879 nomearam-no Inspetor Geral dos Corpos de Exercito. A Academia de Belas-Artes fe-lo seu socio em 1880. Tres anos depois o governo decretou a inatividade de d'Aumale e de seus sobrinhos Chartres e Alençon. O general Boulanger eliminou-os dos quadros militares em 1886. D'Aumale protestou numa carta a Jules Grevy

e foi expulso do territorio francez em falta de melhor resposta à sua logica indignada. Legou Chantilly ao Instituto de França e este conseguiu o regresso do principe. Membro da Academia de Ciencias Moraes em 1889. Morreu em Zucco na Sicilia. Casara em 1844 com a princeza Maria Carolina, filha de Leopoldo, principe de Salerno, da casa real das Duas Sicilias. Teve dois filhos: — Luis Felipe, principe de Condé (1845-1866, morreu n'Australia) e Francisco, duque de Guise, (1854-1872).

O duque d'Aumale reunia, numa sinergia brilhante, todas as altas virtudes de sua raça e de seu povo. Possuia o dom de tudo realizar com naturalidade. Culto poude ser erudito num estilo equilibrado, vivo e claro, evocando com nitidez e em quadros definitivos os combates do grande Condé que ele, exceto a aliança espanhola, imitou em valentia e polidez. Homem de sociedade, trouxe a constante tradição do luxo sobrio, insubstituivel e pessoal. Sua "entourage" ficou classica como uma das reuniões mais tipicas do espirito francez. Soldado e principe, escritor e viajante, dirigindo uma festa com a segurança detalhista com que dirigia uma batalha, generoso,

simples, acolhedor, d'Aumale é uma das mais perfeitas figuras que a França pôde apresentar como expressão de sua mentalidade e de seu bom-gosto.

Antonio, duque de Montpensier. 1824-1890.

Casou em 1846 com Ana Luiza Fernanda de Bourbon, filha de Fernando VI rei de Espanha e irmã da rainha D. Izabel II. Soldado com d'Aumale e fidalgo como Orleans, gostou cedo de politica, da mais confusa e difusa de todas as politicas, a politica de Espanha onde residiu sempre. Campanha de Biskra. Ferido na guerra dos Zibans. Campanha de Ouarsenis. No ano de seu casamento fizeram-no marechal de campo. Exilado da França em 1848 ficou em Sevilha, terra de sua regia cunhada. A rainha Izabel fe-lo capitão-general do Exercito espanhol. O ministro Gonzales Bravo, mais realista de que a rainha, baniu-o em 1868 como demasiado aféto de liberalismo. Montpensier retirou-se para Portugal mas no ano seguinte, caindo Izabel, ofereceu-se para governar a Espanha. Henrique de Bourbon, irmão de Francisco de Assis que se casara com Izabel II, zangou-se. Duelo à pistola depois de larga discussão nos jornaes. A pontaria de Montpensier abateu Henrique

de Bourbon como uma peça de caça. Mantendo sua candidatura Antonio d'Orleans teve apenas vinte e sete votos na votação das Côrtes. O duque Amadeu de Savoia foi o escolhido. A Espanha atravessava uma faze de experiencias governativas. Francisco Serrano que expulsara D. Izabel em 1868, ficara, fingindo de rei, até que Amadeu assumiu a direção nominal dos negocios. Em 1873 Amadeu ofereceu sua demissão com a naturalidade dum presidente constitucional. Reinara, figura de retorica, tres anos trepidantes. Para durar este trienio foi preciso mandar Montpensier para as ilhas Baleares em 1871. Mas o colegio eleitoral de Cadix pregou uma peça elegendo Antonio d'Orleans para a Camara. Não podendo ser um rei, Montpensier resolveu ajudar a filha a ser uma rainhã. Apesar da pouca vontade de Izabel o Orleans casou Afonso de Bourbon em 1878 com sua filha Maria de las Mercedes (1860-1878) e a Espanha, desde 1875, accitara o filho de Izabel como seu rei. Afonso XII (1857-1885) perdeu a mulher no mesmo ano do casamento. A republica espanhola fôra implantada sem raizes e como se limitara a substituir homens e não processos, o rei Afonso XII estava em

lua-de-mel com seu "pueblo". Mas Montpensier estava com a vida realisada. Aquietou-se. Revelara-se um poderoso chefe de partido, vivo, perspicaz, destemeroso, atilado, arguto e audaz. Sua vida romanciada pelas aventuras inumeraveis tornara-o popular na Europa. Seu real genro passara a segundas nupcias com uma Habsburgo, Lorraine, D. Maria Cristina (1858-1931) filha do arquiduque Carlos Frederico, neto de Leopoldo II° imperador d'Alemanha. Montpensier e sua mulher, Luiza (1832-1897), reservaram as alegrias do lar como expressão derradeira de sua incontida esperança de grandes papeis no teatro da Europa. Filhos: — Izabel, casou com Felipe d'Orleans, seu primo, conde de Paris, Amelia (1851-70), Cristina (1852-79), Fernando (1859-75) Maria de las Mercedes que se casou com Afonso XII, Antonio, duque de Galliera e Luis (1864-74).

UNIDADE DO PRINCIPIO MONARQUICO

Seriam os Orleans os unificadores do principio monarchico francez. O ramo mais velho dos Bourbons viéra em réta até Luis XVI e seu filho, o pequenino Luis XVII, que não se sabe como e onde morreu. Reinaram dois irmãos de Luis XVI. O conde de Provence, Luis XVIII, 1755-1825, casara com Maria Josefina Luiza de Savoia e não deixara prole. O conde d'Artois, Carlos X, 1757-1836, casado com Maria Tereza de Savoia, tinha descendencia. Era o duque d'Angouleme (Luis Antonio, 1775-1844) e o duque de Berry (Carlos Fernando, 1778-1820). O duque d'Angouleme casou com Maria Tereza Carlota, 1778-1851, filha de Luis XVI, mas não teve filhos. Restava o duque de Berry que casara morganaticamente com Ana Brown e tivera duas filhas que se casaram respectivamente com o barão de Charette e outra com Lucinge Faucigny. Anulado o matrimonio do duque de Berry este desposou em 1816 a princeza Maria Carolina de Bourbon-Sicilia; 1798-1870,



Conde d'Eu, Marechal do Exército Brasileiro, Gran-Cruz de todas as Ordens.
Foto de 1864, logo após seu casamento.

filha do rei das Duas Sicilias Francisco I.º e de sua primeira mulher, Maria Clementina, filha de Leopoldo IIº, imperador d'Alemanha. Nasceu em 1819 uma menina, a princeza Luiza de Bourbon-Artois, falecida em 1864, casada em 1845 com Carlos IIIº, duque de Parma, 1823-54, assassinado por Antonio Carra, e que foi o penultimo duque-reinante.

Na noite de 13 de fevereiro de 1820 o duque de Berry morreu apunhalado por Louvel enquanto se dansava estridentemente no baile da Opera. Acabara-se o fio dinastico dos Bourbons que já eram colateraes. Sete mezes depois da morte do duque de Berry a duqueza dava à luz a um menino, o "filho do milagre", o "predestinado", o pequenino duque de Bordeaux, aclamado como um messias providencial. Luis XVIII que a idade tornava profeta abençoou a creança com palavras estranhas: — "*Que Charles X ménage la couronne de cet enfant*" dissera o velho rei tocando a mão tremula na cabecinha do duque. A revolução de 1830 retirou do trôno o derradeiro Bourbon direito. Angouleme renunciara seus direitos. Berry não existia. Ficou Chambord como a palavra legitima do principio monarchico francez. E neste

titulo, conde de Chambord, havia uma consagração popular. Fôra uma subscrição nacional que doara ao duque de Bordeaux o castelo maravilhoso de que usava o nome famoso.

Os Orleans exilados em 1848, apesar do heroismo da duquesa-viúva d'Orleans e do devotamento do duque de Nemours, eram o ramo mais moço dos Bourbons e com direitos expressos à corôa de França. O herdeiro do trôno, duque d'Orleans, morrera deixando dois filhos, o conde de Paris e o duque de Chartres. O conde de Paris chegou a ser levado a Assembléa Nacional nos minutos tempestuosos de fevereiro de 1848, para ser aclamado rei de França. Ficara sendo um verdadeiro Filho de França, com partidarios fanaticos e amigos dedicados.

Henrique Carlos Fernando Maria Dieudonné de Artois, duque de Bordeaux e conde de Chambord, nascera em setembro de 1820 e morreu em Frohsdorf, n'Austria, a 24 de agosto de 1883 estando sepultado em Goritz. Morrendo Carlos X, seu avô, Chambord assumiu a plenitude de seus direitos de pretendente. Na França aos seus partidarios deram o nome de "Legitimistas". Em 1846 casou com Ana Tereza Beatriz Caetana, ar-

quidduqueza d'Austria-Este, filha de Francisco IV duque de Modena, nascida em 1817 e morta em 1886.

Sua Alteza a condessa de Chambord herdara do pai o odio aos Orleans. Apesar de não ter dado um herdeiro ao marido e ver nos detestados principes os mais proximos candidatos à corôa, a condessa enfrentou galhardamente a luta, influenciando animadamente no animo do conde de Chambord para que este não aceitasse nenhum projeto de fusão entre Orleanistas e Legitimistas nem cedesse um só dos detalhes que lhe pareciam como direitos divinos...

A 5 de agosto de 1873 o conde de Paris, chefe dos Orleans, foi a Frohsdorf e reconheceu em Chambord o mais legitimo e unico representante do principio monarchico em França. A união dos partidos creou uma perspectiva de sucesso. Começou-se a esperar a vinda infalivel do conde de Chambord a quem chamavam "Henri V". Mas este, Lohengrin com uma Elsa-Egeria, tergiver-sava, oscilando entre direitos e deveres. A maioria dos deputados na Assembléa Nacional mandou uma delegação a Salzburgo entender-se com Chambord. A comissão voltou afirmando que Hen-

rique V aceitava mais ou menos os principios de 1789 como programa constitucional e conservaria a bandeira tricolor. Quasi rei, aclamado como um ser providencial, Chambord bruscamente recuou e nada cedeu do que prometera em Salzburgo. Inexplicavelmente, seu recuo às barreiras remotas duma intransigencia ferrenha, denunciava o espirito reaccionario da filha do duque de Modena.

A 23 de outubro de 1873 Chambord escreveu a carta a Cheslong dizendo não dispensar a bandeira branca dos Bourbons e que *entraria sem condições*. Era uma imposição de chefe inimigo em cidade saqueada. *Se arvorarem a bandeira branca contra a tricolor as carabinas disparam sozinhas*, disse num riso Mac Mahon. Os Orleans mantiveram a palavra dada em Frohsdorf mas não podiam manter a popularidade para o intolante Chambord. As negociações romperam-se. A Assembléa, que o principe conquistara em Salzburgo, votou o septenato para Mac Mahon. Diluir-se a ocasião miraculosa do ultimo Bourbon direto voltar ao trôno de Luiz IX...

— “*Meu Deus*”, dizia compungido um partidario legitimista, “*abri os olhos do conde de Chambord ou dignai-vos fecha-los duma vez...*”

Morrendo Chambord em Frohsdorf o conde de Paris assistiu aos funeraes e notificou a morte do pretendente, assumindo daí em diante, com a totalidade das razões logicas, o lugar de unico representante legitimo do principio real em França. A condessa de Chambord nem sequer recebeu os Orleans...

O conde de Paris, reunidor dos direitos do ramo mais velho ao mais moço dos Bourbons, nasceu em Paris a 24 de agosto de 1838, "*salué glorieusement par le canon*" nas Tuileries e morreu em Stowe-House, na Inglaterra, a 7 de setembro de 1894.

Luis Felipe Alberto teve educação cuidada e segura. Educaram-no para um trôno que ele verdadeiramente merecia. Viajou por toda Europa e Oriente. Em 1861-62 passou à America do Norte onde foi ajudante d'ordens do general Mac Clellan na guerra de secessão. Seu irmão de Chartres acompanhara-o. Voltou para França em 1871. Casara com sua prima Izabel, filha do duque de Montpensier. Alheiado das lutas politicas, a quêda de Thiers decidiu-o. Foi a Frohsdorf reconhecer Chambord e se este contivesse as insinuações do seu descanso e os direitos

proclamados intangíveis por sua mulher, seria o rei de França. O herdeiro da corôa inquestionavelmente pertenceria a um Orleans. O gesto do conde de Paris foi de alta e decisiva politica conciliadora. Morrendo Chambord o conde de Paris ficou positivamente o chefe unico dos monarchistas francezes. Chefe vigilante, ativo, intelligente, duma cativante gentileza pessoal, viu multiplicar-se junto a si a serie ininterrupta de dedicações e entusiasmos. Seu alto feito moral arredava-o de espetaculosidades que arrastam as massas populares. Eça de Queiroz escreveu que o maior defeito do conde de Paris era só possuir virtudes. A festa que deu por ocasião do casamento de sua primogenita, Amelia, com dom Carlos de Bragança, herdeiro de Portugal, assombrou o governo republicano. As felicitações do corpo diplomatico, a infinidade das cartas, as aclamações continuas, avisaram aos administradores da politica que o neto de Luis Felipe estava mais perto da corôa que eles da Historia. E a Republica, na impossibilidade de anular o prestigio do conde de Paris, ripostou com a lei de 22 de junho de 1886 exilando de França os chefes e filhos mais velhos das antigas familias reinantes.

Foi para Inglaterra. Sua retirada foi uma apoteose. Trabalhando sempre o conde de Paris publicou varios livros que demonstram sua indole estudiosa e refletida de analista de problemas sociaes. "Damasco e Libano". 1861. "Trade Unions na Inglaterra". 1869. "Historia da guerra civil na America" 1875-89. "Situação dos operarios na Inglaterra" 1873 e o admiravel "Direito de Associação".

Filhos: — Amelia que se casou com D. Carlos, rei de Portugal, assassinado em 1908. Felipe, duque d'Orleans, Helena, casada com o duque d'Aosta, Emanuel Felisberto de Savoia (1869-1931). Izabel, esposa de João d'Orleans, duque de Guise, Jacques, morto em 1881 com um ano, Luiza e Fernando, duque de Montpensier, morto sem descendentes.

Felipe, duque d'Orleans, nasceu em 1869 e faleceu na Italia em 1926. Visitou a America em companhia de seu pai. Casou com a princeza Maria Dorotéa, arquiduqueza d'Austria, filha de José d'Habsburgo e da princeza Clotildes, filha do duque Augusto de Saxe Coburgo Gotha e da princeza Clementina d'Orleans, tia de seu pai.



Conde d'Eu, Comandante-em-chefe do Exército Brasileiro no Paraguai. Foto de 1870.

Teve vida ativa e forte de chefe politico, animando seus partidarios e sob sua direção o partido monarchico francez assistiu ao desabrochamento da vanguarda de sua facção, constituida pelos "Camelots du Roi". O duque d'Orleans não deixou filhos. O direito à sucessão ao trôno passou aos descendentes do duque de Chartres.

Robertó d'Orleans, duque de Chartres, casára com a princeza Francisca de Bragança-Orleans, filha do principe de Joinville. Do consorcio houve duas filhas e dois filhos. As princezas Maria, que se casou com o principe Waldemar da Dinamarca, e Margarida que desposou Patricio Mac Mahon, duque de Magenta. Os dois homens tiveram destino diferente. Henrique d'Orleans (1867-1901) foi o viajante das Indias, do Tibet, do Sião, incansavel perscrutador do misterio asiatico que o mataria de febres em plena mocidade illustre e João, nascido a 4 de setembro de 1874 em Paris, representante dos direitos monarchicos em França.

João d'Orleans, duque de Guise, casou em 1899 com sua prima Izabel, filha do conde de Paris e irmã do duque d'Orleans. Tres filhas: — Izabel, viuva do conde d'Harcourt, morto num

desastre d'automóvel em Marrocos; Ana que se matrimoniou com o príncipe Amadeu de Savoia, duque de Puglia, filho de Emanuele, duque d'Aosta e de Helena d'Orleans, irmã de sua mãe e Francisca que é a esposa do príncipe Cristovão da Grécia, filho do rei Jorge I.

A 5 de julho de 1908 nascia em Nouvion en Tierach (Aisne) o príncipe Henrique Fernando Roberto d'Orleans, conde de Paris, atual "Delfim de França".

Ao "Delfim de França" coube o direito de mais entrelaçar sua Casa com a Casa do Brasil. A 8 de abril de 1931 casou em Palermo, na Itália, com a princesa Dona Izabel d'Orleans-Bragança, filha de D. Pedro d'Orleans-Bragança e neta de D. Izabel de Bragança, Princesa Imperial do Brasil e de Gastão d'Orleans, conde d'Eu (2).

Desse casal se irradia a continuidade gloriosa dos quarenta Reis que em mil anos fizeram a França...

(2) O atual conde de Paris já tem uma filhinha, Elisabeth, nascida a 8 de abril de 1932.

O DUQUE DE NEMOURS

Luis Carlos Felipe Rafael d'Orleans, segundo filho do rei Luis Felipe, nasceu em Paris em 1814 e morreu em Versailles em 1896. O rei Carlos X nomeou-o coronel dum regimento de caçadores que tomou o nome de "Caçadores de Nemours". O coronel de Nemours tinha então doze anos. Fez vida militar. Escolheram-no os belgas para seu primeiro rei. O Congresso Nacional reunido em Bruxelas endossou as simpatias populares. Mas o rei Luis Felipe recusou. Mandando o filho reinar na Belgica alienaria a amizade da Inglaterra que, possivelmente, voltada para Guilherme, rei da Holanda, provocasse uma guerra inutil, guerra de fronteira, na vizinhança terrivel d'Alemanha. Melhor era recusar. Nemours não foi rei... Neste mesmo 1831 a Inglaterra oferecia um rei para os Belgas. Era Leopoldo de Saxe Coburgo (1790-1865) que se casara em 1816 com a princeza Carlota (1796-1817) filha do rei Jorge IV da Inglaterra. No tempo da independencia belga Leopoldo estava

viuvo pois a princeza morreu um ano depois de casar. Para assegurar a aliança franceza Leopoldo, corôado rei da Belgica, casou em 1832 com Luiza d'Orleans, filha do rei Luis Felipe e irmã de Nemours, ex-futuro rei dos Belgas.

Os holandezes não abandonaram Anvers. Necessario desaloja-los. Setenta mil francezes entraram na Belgica enquanto uma esquadra ingleza bloqueava o Escalda. Anvers ficou de baixo de cerco. O herdeiro do trôno francez e seu irmão Nemours assistiram com armas na mão e foram notados. A 23 de dezembro de 1832 Anvers capitulou. Desde 9 de abril que Leopoldo chamava sogro ao rei dos francezes.

Em 1833 Nemours era marechal. Em 1835 foi para Argelia. Distinguiu-se em Constantina e recebeu a nomeação de tenente-general. Os filhos do rei Luis Felipe tinham a mania de correr os riscos da guerra a serio. Bem poderiam ficar em Paris e daí assistir à progressão incessante das promoções. Preferiam bater-se como simples officiaes.

A 27 de abril de 1840 casava-se Nemours com a princeza Vitoria Augusta Antonieta, filha do duque Fernando de Saxe Coburgo Gotha. Esta

familia fazia sua “entrée” solene em quasi todas as côrtes da Europa. A princeza Vitoria (1822-1857) era irmã do duque Augusto que casara com Clementina, irmã de Nemours e outro irmão seu, Fernando (1816-1885) foi o segundo marido da rainha D. Maria II de Portugal. O sogro de Nemours era irmão de Leopoldo I.º da Belgica; irmão de Ernesto (1784-1841), pai de Alberto de Saxe Coburgo Gotha (1819-1861) que se casaria no mesmo ano de 1840 com a rainha Vitoria da Inglaterra. Outra irmã do sogro de Nemours, Vitoria, viuva do principe de Linange, convolou segundo casamento com Eduardo Augusto, duque de Kent, filho de Jorge III da Inglaterra e foram os pais da rainha Vitoria. Estas ligações tinham forças persuasivas e quasi sempre decididoras de materia politica. Nemours estava “aliado” aos reis omnipresentes nos congressos da Europa.

Mas Nemours iniciara o passo com o pé esquerdo. A Camara dos Deputados recusara o meio milhão de francos de sua dotação. O principe voltou em 1841 para Argelia batendo-se contra as tropas ornamentaes de Abd-el-Kader e enfrentando os Kabilas, guerreiros relampagos. Em

1842 seu irmão mais velho morreu num desastre de carro. As Camaras, convocadas extraordinariamente, votaram a lei da regencia (30 de agosto). Por esta lei o duque de Nemours, que era o principe mais vizinho ao trôno, assumiria a Regencia do Reino em caso da morte do rei e durante a menoridade do conde de Paris que só seria maior aos dezoito anos completos. Daí em diante Nemours fica fazendo parte da Camara dos Pares e tendo ação continua nos negocios administrativos do reino. Com a queda de seu pai retirou-se com ele para Inglaterra onde reinava uma prima legitima de sua mulher. Politicamente apoiou o conde de Paris quando este fez o reconhecimento de Frohsdorf. Voltando para França em 1871 regressou para o Exercito e oito anos depois passou para o quadro de reserva onde Boulanger o "riscou" em 1886. Era general de divisão.

Quatro filhos: Gastão, conde d'Eu (1842-1922), Felipe Maria, duque d'Alençon, (1844-1910) e duas filhas, a princeza Margarida, (1846-1897) casada com Lalislau Szartoryski e a princeza Branca. (1857-1932).

O duque de Alençon casou em 1868 com a duquesa Sofia (1847-1897) filha do duque Maximiliano da Baviera, irmã de Elizabét, imperatriz d'Austria, assassinada em Genebra. A duquesa d'Alençon morreu queimada no incendio do bazar de Caridade em Paris. Deixou um casal. Luiza, esposa de Afonso da Baviera, neto do rei Luis I da Baviera e Emanuel, duque de Vendôme, casado com Henriqueta da Belgica, irmã do Rei Alberto I da Belgica.

A popularidade tem segredos. Nemours nunca o foi apesar de ter todos os requisitos. Comandava a guarnição de Paris em fevereiro de 1848 e ficou até o final respondendo pela tradição de coragem que possuia. Acompanhou sua cunhada, a duquesa d'Orleans, com os dois pequenos, conde de Paris e duque de Chartres, à Assembléa Nacional, disputando passo a passo o direito que desejava ver reconhecido e entregue ao seu sobrinho. Sua saída para Inglaterra foi atribulada e louca de ousadia.

Era um lindo e forte homem airoso, leve, grande ar de fidalguia que o denunciava de longe, gentil e senhorial, polido como um diamante e impassivel como um bronze. Mas era o mais impo-



D. Isabel de Bragança, Princesa Imperial do Brasil

pular dos filhos do rei Luis Felipe. Porque? Julgavam-no reaccionario ferrenho, amigo preterito das formulas do Carlos X. Ter-se-iam evidenciado provas? Nenhuma. Uma pagina de Charles Gailly de Taurines dirá sobre essa antipatia sem justificação e sem pretexto:

“...personne ne pouvait s'accorder sur les causes de l'impopularité du prince, il est un fait dont tout le monde devait admettre l'évidence; c'est qu'il ne possédait à aucun degré, cet air aimable et accueillant, cette rondeur militaire, cette familiarité bienveillante qui avaient conquis à ses frères d'Aumale et Joinville toutes les sympathies publiques.

Henri d'Alméras dá um leve registo da impressão de superioridade natural que Nemours irradiava de si.

“De tous les fils de Louis Philippe, c'était celui qui se distinguait le plus par son grand air, celui qui semblait avoir le plus de race. Les journaux du temps (surtout dans des articles rédigés par des femmes) remarquent

qui par l'attitude, la démarche, par mille nuances insaisissables, il était naturellement *prince*. Il n'avait pas besoin de faire effort pour imposer ce respect qu'arrache toujours, même aux plus retifs, même aux plus envieux, cette supériorité d'intelligence, de caractère, d'éducation, d'elegance, qui se dégage d'un homme et forme la véritable aristocratie."

.....

(“La Vie Parisienne sous le *Régne de Louis Philippe*.”)

O inexplicavel dessa impopularidade, a facil adaptação das lendas imaginarias no espirito do povo, trará, numa herança de sacrificio e de silencio, outro martir, respondendo pelo que não fez, odiado pelos atos que não praticou, detestado por atitudes eternamente ignoradas. O duque de Nemours será um anteloquio, uma preparação ornamental e veridica no destino de seu filho, conde d'Eu, principe d'Orleans e marechal do Exercito do Brasil.

GASTÃO D'ORLEANS, CONDE D'EU

O primogenito do duque de Nemours nasceu no dia 28 de abril de 1842. Chamou-se Luis Felipe Maria Fernando Gastão d'Orleans. Nasceu no castelo Neuilly-sur-Seine, a velha residencia tradicional, simples e acolhedora como um lar de cem anos. "*Neuilly... vaste château sans prétention, sans architecture, composé presque exclusivement de rez-de-chaussées ajustés les uns au but des autres, de plain-pied avec de ravissants jardins*", assim recordava Neuilly quem nascera ali também, o principe de Joinville.

Com seis anos Gastão d'Orleans deixou a França onde uma revolução destronava o avô. Seu pai e seus tios eram soldados. A carreira militar estava indicada. Na França era impossivel. Mas reinava na Espanha Dona Izabel II, cunhada do duque de Montpensier, irmão de seu pai. Passados alguns anos de estudos preliminares Nemours conseguiu da rainha espanhola a permissão para o jovem conde d'Eu cursar uma aca-

demia militar em Segovia. A resposta da rainha foi mandar a licença e uma patente de alferes do Exercito espanhol. Gastão d'Orleans cursou a escola de Segovia.

Em Marrocos estalava a guerra infundavel. Nunca existiu maior atração para um Orleans. O alferes interessou-se vivamente para que o permitissem, a qualquer titulo, bater-se com os mouros indomaveis em honra da "vieja España". O general Leopoldo O' Donell, que comandava em chefe, aceitou o conde d'Eu como seu ajudante d'ordens. Na batalha de Tetuan, Gastão d'Orleans fez prodigios de coragem, de audacia fria, de impassibilidade que fizeram recordar a memoria inapagavel de Aumale. A campanha foi feliz. Leopoldo O' Donell recebeu a graça de ser duque de Tetuan em 1860. Gastão d'Orleans teve a medalha da Ordem Militar de São Fernando e os galões de capitão. Voltou a Segovia onde acabou o curso.

Em agosto de 1864 viajou para o Brasil onde já casara seu tio Joinville, a 1.º de maio de 1843. Acompanhava o conde d'Eu seu primo-germano, Augusto de Saxe Coburgo Gotha, (1845-1907).

Ambos casaram com filhas de dom Pedro II. Gastão d'Orleans com D. Izabel a 15 de outubro e o duque de Saxe com D. Leopoldina, (1847-71) a 15 de dezembro de 1864 (3).

O casamento do conde d'Eu com a herdeira do trôno consistia uma proclamada homenagem a suas tradições de intelligencia e caracter dadas as sabidas exigencias do Imperador.

Recolhido ao Palacio Izabel (hoje palacio Guanabara) o conde d'Eu instalou seu "home" com o luxo discreto dum "gentlemanlike", como ele gostava de dizer quando se referia às predileções educadas.

A figura era esplendida. Do pai tivera os melhores dons fisicos. Alto, solido, massiço,

(3) Foram padrinhos do conde d'Eu o duque de Saxe e o senador Pedro de Araujo Lima, Marquez de Olinda, ex-Regente do Imperio. Por parte da Princeza Imperial assistiram os senadores Francisco José Furtado, presidente do Conselho de Ministros e Inacio Pinto de Andrade Souto Maior, Marquez de Itanhaem, ex-tutor do Imperador. Oficiou o arcebispo da Bahia, dom Manuel Joaquim da Silveira, depois conde de São Salvador.

Um detalhe pouco sabido é ter o Imperador libertado todos os escravos que neste dia estavam ao serviço de D. Izabel.

Os detalhes da festa estão registados no "Jornal do Comercio", do Rio, de 16 de outubro de 1864.

A respeito da efectividade do conde d'Eu no posto de Marechal, as discussões na Camara dos Deputados foram calorosas. Vejam os "ANNAES", 1864-65, especialmente os tomos 2 e 4 de 64 e o 2 de 65. Ver-se-á com que independencia discutiram o pedido official de credito.

d'hombros largos, mãos finas à Van Dyck, elegante, apto às grandes caminhadas a pé, ágil em todos os desportos, ótimo cavaleiro, voz clara, timbre grave, articulando lentamente as palavras que o sotaque francez acidulava nos *r r r*, gesto amplo, rosto que o cavainac em ponta lembrava d'Aumale, Gastão d'Orleans agradava à primeira vista.

Alem do francez, lingua materna, aprendera com sua mãe o alemão. Sua educação na Inglaterra dera-lhe o inglez. A estada em Espanha doara-lhe o espanhol. Em principios de 1865 manejava fluentemente o portuguez que, um ano antes, escrevia facilmente.

Fisicamente passara dos Bourbons, do pincel de Rigaud, para os Orleans, modelos de Ingres.

O PRINCIPE-CONSORTE

Como se deram a negociação e escolha para o casamento do conde d'Eu? Porque foi ele o indicado? E porque a escolha imperial recaiu sobre um principe exilado e não num membro de familia reinante? Não sei. Sabemos, apenas,

que o imperador na “Fala do Trôno” de 3 de maio de 1864 informa aos augustos e dignissimos representantes da Nação Brasileira:

“Annuncio-vos com prazer que trato do casamento das princezas minhas muito amadas e queridas filhas, o qual espero se effectue no corrente anno”.

Efetivamente neste mesmo 1864 casavam as duas princezas.

D. Izabel recebia 150.000\$ anualmente. Havia uma verba de 300.000\$ para compra dum palacio. No caso de retirar-se do Brasil, teria duma só vez, 1.200.000\$ de dote. A verba para as despesas do enxoval foi creditada em 200.000\$. Nada mais. Ha, ainda, outra despesa. Cincoenta contos que o ministro do Imperio pede aos deputados na sessão de 26 de agosto de 1864. Esta quantia fôra gasta “*com as negociações relativas ao casamento, e com o transporte dos augustos consortes*”. Tudo na forma da lei n. 166 de 29 de setembro de 1840.

Na Camara discutiu-se amiudadamente as parcelas da dotação e o valor dotal. Lopes Netto,



O Conde d'Eu em 1920

deputado sergipano, explicou que a princeza Izabel tinha dote de mais. Cento e cincoenta contos anuaes e mil e duzentos se saisse do Brasil! . . . Na França Luis Felipe dera 400:000\$ a cada filha casada. Na Inglaterra deram menos. Em Portugal com as filhas da rainha D. Maria II iam apenas a 200:000\$ cada uma. Porque tres milhões de cruzados à herdeira do trôno? . . . Deram-lhe varias respostas e como a princeza Izabel só saiu do Brasil expulsa por um movimento republicano, ficaram os tres milhões em paz e à disposição. .

Se recordo, tantos anos depois, taes fatos, é para lembrar a velha emoção que eles produziam n'alma dos tribunos de outróra. O Conde d'Eu, estrangeiro e soldado, vindo fixar-se no Brasil, tendo posto de comando no Exercito, abria pela primeira vez no espirito politico da epoca apreensões e desconfianças.

Aquele neto dum rei, soldado filho de soldado, homem forte, aguerrido, afeito à luta, desdobrava perspectivas indefinidas de suspeitas ao mundo ritmico que batia a hora certa nos anaes pacatissimos do Imperio tranquilo.

Pensou-se logo na influencia decisiva do principe-consorte n'alma de sua mulher, futura imperatriz.

Para o conde d'Eu serão vinte e cinco anos de vida brasileira. Radicado aos costumes do paiz que o adotara, Gastão d'Orleans manteve, até o advento da Republica, a discreção, a sobriedade verbal, o aprumo, a gravidade que seu delicadissimo papel requeria. Não o vemos intervir ostensivamente nos debates politicos que apaixonavam meio mundo. Manteve-se arredo à propria defesa de seu nome, presa facil à eloquencia trepidante das bancadas de opposição.

O conselheiro privado da Herdeira do Trôno jamais pode ser identificado nas suas sugestões. Não foi possivel acusarem-no de "Lord Protetor" da colonia franceza no Brasil. O conde d'Eu possuiu a extrema delicadeza de sua posição de melindre. Temia ferir a susceptibilidade de um povo facilmente irritavel, impulsivo, instantaneo no amor e na colera.

No Brasil seria impossivel a atuação orientadora que Alberto de Saxe Coburgo Gotha pode realizar na Inglaterra. A feição alienigena do principe francez pesou depressa e fundamente. Depois

de 1870, com o nascimento do partido republicano, o tema apto a qualquer exploração do sentimentalismo patriótico era aludir ao “terceiro reinado”, o “reinado francez” . . .

O que se evidencia nestes cinco lustros de residência no Brasil é que o conde d’Eu procurou avidamente conhecer os problemas do paiz, suas fontes de produção, aparelhagem técnica do Exercito, melhoria no tipo “soldado” e em seu conforto físico, um sistema redutivo de despesas e ao mesmo tempo de aproveitamento do material brasileiro. Simultaneamente sua ignorancia da mentalidade politica do Brasil é manifesta. Permaneceu um estudante vadio à vida convulsa dos partidos, sem predileção e sem simpatias.

· Não era e não quiz ser maçom. A Maçonaria, durante o gabinete Rio Branco, teve um esplendor inusitado. O presidente do Conselho era o Grão-Mestre. Na festa de 2 de março de 1872, verdadeira *parada* demonstrativa de prestigio social e politico, o conde d’Eu recebeu convite por parte do proprio visconde do Rio Branco que seria homenageado pelas baterias simbolicas. Declarando francamente que não era maçom e daí não ter significação sua presença na solenidade, o con-

de d'Eu alienou muitíssimas simpatias e possíveis dedicações.

Atravez deste quarto de seculo não ha uma frase do principe-consorte que lhe denuncie reserva ou repulsa à qualquer corporação partidaria. Para um rapaz de vinte e dois anos essa circumspecção vale muito, especialmente se pensarmos que esse principe é soldado, filho e neto de soldados, fez-se official com folha de serviço de campanha, com batismo de fogo e galões conquistados nas guerras de Marrocos. Tudo antes o impelia à impulsividade dos Orleans que ao raciocinio, a calma taciturna dos Saxe Coburgo Gotha. Ele, entretanto, herda do pai a imponencia natural, o "ser principe" sem querer, o halo impalpavel e visivel de distincção que se supunha desejo de superioridade. Este "ar distante" era traduzido como orgulho.

No Brasil não podia ser de outra forma. A Côrte vira seu primeiro rei em D. João VI e seu primeiro imperador em D. Pedro I. O primeiro era gordo, obeso, pesado, sujo, lento, desconfiado, sem brilho, escondendo o clarão de sua intelligencia como uma joia aos ladrões. O filho era alto, forte, bonito, azougado, inculto, rude e bravo como um velho "reitre", vivendo a vida que os sentidos lhe

traziam a um cerebro crepitante de atividade desordenada. Com D. Pedro II tivemos um modelo de empregado-publico, um exemplar burocrata, professor aposentado, sizoado, metodico, pautado, grave, falando fino, vestindo preto, sem alarde, sem pompa, sem arrebatamento, sem decoração.

A etiqueta brasileira é demasiado exigente até causar comicidade ou tolerante á parecer inexistente. O brasileiro habituou-se a ser tratado à distancia ou enrolado num abraço. Meio termo não sentimos ou nos magoamos. Cortezia sem intimidade, gentileza sem batida no hombro, amabilidade sem convite de jantar, polidez sem confidencias não se coadunam no codigo do bom-tom social, nas leis tradicionaes da nossa fidalguia.

O conde d'Eu era um afetivo, familiar, amando os prazeres da casa, o encanto das palestras, o brilho verbal, a graça das frases, a felicidade dos remoques.

Quando o brasileiro só se diverte na rua o principe-consorte guardava os ritos da convivencia domestica, a memoria dos fatos diarios da mansão, toda a alegria penetrante e suave do "*home sweet home*" onde se educara. Vivia nele a tradição das conversas de Neuilly, a convivencia de Arago e de

Ampère, de pintores e de generaes que tinham visto pelos olhos de Napoleão o fulvo Moscou em chamas.

Apesar de todas as virtudes congenitas de atração e vida austera o conde d'Eu não teve a aureola popular. Esse prestigio nasce duma igualdade espiritual. O mesmo nivel, sob outros indumentos, predispõe e coesifica. A popularidade de Napoleão será eterna. Perguntem aos quartéis e acampamentos o segredo dessa sedução miraculosa.

"*Hospes, hostis*", parecia ser o lema para ele, Afastava-o do Povo sua posição.

No Brasil não era um caso pessoal. O conde d'Eu era apenas um pretexto, uma arma, um instrumento que tocava à sensibilidade imperial.

O PRINCIPE SOLDADO

O conde d'Eu casara a 15 de outubro de 1864 e voltara à Europa em jornada nupcial. Em dezembro Francisco Solano Lopez iniciou a guerra com o Brasil. Guerra sem declaração, sem motivo, sem aviso. Um salto brusco de tigre sobre o paiz imenso e tranquilo.

Em dezembro Barrios comanda um exercito que invade Mato Grosso. Como a Argentina não permitisse a passagem das tropas paraguaias que se destinavam ao ataque do Rio Grande do Sul, o ditador do Paraguai mandou Robles dominar Corrientes, a quieta vila argentina. Com os dois braços de polvo descendo sobre o coração do Brasil, Francisco Solano Lopez sacudiu a esquadra no rio Paraná, depois no Paraguai. A batalha naval de Riachuelo, a 11 de junho de 1865, destruiu-lhe o poder marítimo. Mas não tinhamos Exercito. Ao clamor duma patria agredida e violada correram voluntarios de todas as provincias. Lopez estadeava a vitoria certa na rigidez automatica de seu Exercito. E uma imprensa illustre, paga na Europa a patações paraguaios, recebeu o encargo de mentir com erudição.

Barrios estacara em Mato Grosso. Estigarria parara em Uruguaiana, represado pelos diques da coragem brasileira. O imperador não se conteve. A 10 de julho partiu para o Rio Grande do Sul.

Sete dias depois da partida de D. Pedro II chegava ao Rio de Janeiro o conde d'Eu. Não ha-



O Conde d'Eu, em 1921

via transporte. Somente a 1.º de agosto é que sairia o "Santa Maria".

Gastão d'Orleans resolveu seguir seu sogro. Comandante da Artilheria seu posto era no Rio. Nada o obrigava a viajar. A 1.º de agosto saiu do Rio, a 7 estava no Rio Grande, a 9 no Rio Pardo, a 10 em Cachoeira, a 15 em Caçapava onde encontrou o imperador, a 11 de setembro estavam todos em Uruguaiana onde se achavam os chefes aliados, Bartolomeu Mitre e Venancio Flores, argentino e uruguaio.

Vinte e quatro batalhões cercavam a coluna paraguaia. Estigarribia rendeu-se antes de combate, a 18 de setembro de 1865. O duque de Saxe, agora, além de primo, concunhado de Gastão d'Orleans, acompanhara seu imperial sogro. A 9 de novembro estavam no Rio de Janeiro.

Todo 1866 passa o conde d'Eu tentando ir para o campo da luta. Queria ir a qualquer maneira, com qualquer comando, sem comandar, sob a chefia de qualquer chefe. Fervia-lhe nas veias a lembrança das cargas que comandara ante a admiração de Ó Donell, ante Tetuan.

33.000 brasileiros, 11.000 argentinos e 2.000 uruguaioes levavam a guerra em solo inimigo. Ma-

nuel Luis Osorio guiava a tropa do Brasil como uma egide de bravura e de bondade. Itapirú, Estero-Bellaco, Tuiutí, a tomada de Curuzú, o ataque às linhas espartanas de Curupaití, reboavam accessos em gloria os altos feitos de soldados e generaes valorosos. Gastão d'Orleans insistia, arranjava argumentos, dirigia-se ao imperador por mil maneiras. Dessa faze de obstinação patriotica, de desinteresse, de amor pela terra que o abrigava, ficou-nos a carta, de 11 de outubro de 1866, endereçada a D. Pedro II.

“Senhor. Accusando o recebimento da carta de V. M. datada de hoje, só me resta agradecer-lhe a promptidão com que V. M. me annuncia que submetterá meus desejos a seus conselheiros, e declarar que, no caso de achar exequivel a minha aspiração, a posição que prefiro, mas não exijo, é a de commandante de artilheria do Exercito em operações sob as ordens do marquez de Caxias (ou outro general em chefe.).

Si eu não poder, nessas condições ou em outras, reunir-me àquelle Exercito, não tenciono conservar o commando geral da Arma de Artilheria, — cargo que, exercido aqui, me

parece sem efficacia, enquanto durar o estado de guerra.

Repito-me, com todo respeito, de V. M. filho e subdito dedicado.

GASTÃO D'ORLEANS.

.....

Joaquim Nabuco no "Estadista do Imperio" narra as sessões ministeriaes quando se discutiu o "*caso do conde d'Eu ir para guerra*". Sabemos que Gastão d'Orleans não foi. O principe era marechal efetivo do Exercito brasileiro, possuia todas as grã-cruzes das Ordens do Imperio, fizera um curso regular na Academia Militar de Segovia, combatera às ordens dum general experimentado, dera provas seguras de intrepidez e de espirito tatico. Todos os voluntarios podiam partir para o Paraguai. O Conde d'Eu não pedia postos. O comando de artilheria, sua arma especial, era-lhe preferido, "*prefiro mas não exijo*", escrevia ele ao imperial sogro. O comando de artilheria pertencia a Emilio Luis Malet, francez como o conde d'Eu, grande artilheiro. Malet não comandava autonomo. Ficava sempre sob as ordens dum comandante

de corpo de Exercito. O Marechal-efetivo não seria demais dirigi-lo num corpo especial da Arma apenas com autonomia administrativa mas posto à disposição do comando-em-chefe para as finalidades logicas. Apesar de tudo o Marechal efetivo, o soldado de Tetuan, o guerreiro moço, o ajudante de Ó Donell, não foi à guerra...

A perfeita organização dum soldado possuia o conde d'Eu em mais alto grau.

Bastará ler-se a "Viagem Militar ao Rio Grande do Sul" que ele escreveu e está publicada na revista do Instituto Historico Brasileiro (tomo 85. Vol. 139,1919.). Todas as questões de acomodação, deslocamento de pessoal, instalação de casernas, cozinhas militares, fardamentos, pousos de remonta para a cavallhada, instrução de recrutas, tudo está analisado às pressas, num diario de viagem, mas com a segurança, precisão e conhecimento dum tecnico. Seus dotes de observador são agudos e felizes. Recem-chegado ao Brasil nota-se o cuidado extremo de informar-se de tudo, e tudo detalhadamente estudar. Suas analyses sobre o tipo gaúcho, costumes, a familia, a hospitalidade, desde o chimarrão até o churrasco, a valentia cavalheiresca, o arrojo das boleadeiras, as disparadas doi-

das pela vastidão do pampa, são quadros de movimento e de cor. Sessenta e seis anos passaram e ainda os vemos com surpresa e agrado. Em estilo simples, claro, preciso, nitido, sem arabesco, sem artificialidade, sem retorica, lembram bem de perto o estilo-nervo d'Aumale, inimitavel evocador dos Condé...

GENERAL-EM-CHEFE

No dia 22 de março de 1869 o Imperador nomeou o principe Gastão d'Orleans, conde d'Eu e Marechal do Exercito, Comandante em Chefe das forças brasileiras em campanha no Paraguai. Presidia o ministerio o conselheiro Joaquim José Rodrigues Torres, visconde de Itaboraí. Era ministro da guerra o dr. Manuel Vieira Tosta então barão de Muritiba. Na marinha respondia João Mauricio Wanderley, barão de Cotegipe.

A escolha do principe causara surpresa, não aos militares, mas aos politicos.

O conde d'Eu tantas vezes pedira para acompanhar o Exercito e tantas vezes lhe fôra negado

que se julgava sua participação um ato materialmente impossível. Comentando em 1921 sua "Viagem Militar", escrita em 1865, Gastão d'Orleans anotou:

"Fiz todo exfôrço possível para conseguir do Imperador que me permittisse acompanhar o exercito que ia transpor o Uruguai e invadir o territorio paraguaio. Foi debalde, assim como tambem o Governo Imperial sempre se negou a annuir aos instantes pedidos que, em 1866, 1867 e 1868 successivamente formulei para ser auctorizado a ir junctar-me ao exercito que combatia no Paraguai, com qualquer posto que se me designasse.

Só em fim de fevereiro de 1869, achando-me em Petropolis, fui repentinamente convidado por carta do imperador a ir tomar o commando do exercito paralizado depois das brilhantes victorias do mez de dezembro anterior e da occupação de Assumpção."

.....

Emfim chegara a occasião e o conde d'Eu era general-em-chefe dum Exercito avultado e glorio-

so em cem combates. Ia dirigir generaes encanecidos em campanhas terriveis. Ia guiar soldados que acompanhavam a bandeira do Brasil sobre tres capitães sulamericanas. Aos vinte e sete anos, idade de tenente, o posto despertava inveja...

Nomeado a 22 o conde d'Eu partiu a 30 de março. Escalou em Montevideo e Buenos Aires. A 13 de abril estava em Assunção. Tres dias depois assumia o comando em chefe em Luque.

Francisco Solano Lopez perdera totalmente seu exercito regular, sua artilheria calibrada, seus veteranos, sua marinha, sua popularidade. Restava-lhe, do naufragio, o temor que impôz ao seu povo. Os combates de dezembro de 1868 desfizeram as ultimas esperanças. Não possuia mais argumentos de defesa sinão a idéa da Patria que galvanizou aquelle povo maravilhoso na resistencia miraculosa que engrandece e atenúa a vida execranda do ditador. Agora, refugiado nas montanhas, lá se refaz, lento, obstinado, formidavel. Dentro daquelle cadinho de serras o sombrio "Mariscal López" está forjando canhões, construindo trincheiras, fazendo espingardas, afiando lanças, instruindo recrutas, creando um exercito de creanças e de velhos. O pulso forte do ditador imprimia no aço daquelas



O PRIMOGENITO DO CONDE D'EU
D. Pedro d'Orleans-Bragança, ex-Príncipe do Grão Pará.
(De um retrato em 1893 quando cursava uma Escola
Militar austriaca).

almas o cunho indelevel duma coragem sem limites e sem horizontes.

O moral do Exercito brasileiro era otimo mas apareciam, no cansaço de cinco anos de guerra, as caminhadas na lama, o atoleiro dos banhados, a fome, o frio, o cholera, a malaria, a insidia dum inimigo sem leis nem treguas. Surgia, indeciso mas impressionador, o fantasma do "cafard" que inutiliza e amolece energias e vontades coletivas.

O Imperio do Brasil reerguia o Paraguai que o patriotismo fanatico de Lopez havia derribado no nivel dum Dahomey servil e bravo. O conselheiro Silva Paranhos, depois visconde do Rio Branco, assistia e provocava oficialmente a reconstrução social do Paraguai, autonomo e governado legalmente. Um governo provisorio, composto de paraguaios illustres, presidia o soerguimento nacional.

Silva Paranhos, apenas e exclusivamente, representava o Brasil sem se envolver na administração interna do paiz.

Depressa duas grandes virtudes do general-em-chefe foram evidenciadas. A escolha dos officaes-generaes e a livre iniciativa militar. Nomeado para dirigir no Paraguai as tropas, o conde d'Eu procurou os grandes nomes, os velhos soldados cuja

fama orgulhava os batalhões fanatisados. Não temeu empalidecer seu incipiente genio militar junto àqueles homens, nascidos generaes, creados em acampamentos, vivendo em cargas, assaltos e ataques.

Visitou longamente Argolo (Alexandre Gomes de Argolo Ferrão, visconde de Itaparica) ferido na ponte de Itororó. Argolo deveu ao seu precarissimo estado de saude não seguir Gastão d'Orleans. Os outros nomes militares ficaram jubilosos com o jovem comandante. Camara, Polidoro Jordão, Carneiro Monteiro, Joca Tavares, Bento Martins, Fidelis Paes, Menna Barreto, herdeiro duma familia sagrada pelo heroismo que se perpetúa numa continuidade de herois, todos os bravos brigadeiros e coroneis que envelheceram marchando contra inimigos, foram colaboradores admiraveis. Ele lhes deu a independencia e o direito de modificar em face da applicação as linhas geraes do "master-plan" tecnico.

A maior victoria do conde d'Eu foi conseguir a volta de Osorio para o teatro da guerra. Herval, idolo dos soldados, primeiro a carregar e ultimo a sair, era o legionario possante, solido gaúcho duma alegria poderosa, agil e forte, incansavel como um

vaqueano, simples e bom, dominando a multidão que o aclamava só em ver-lhe o perfil voluntarioso, recordando façanhas incríveis de afoiteza, de arrojo e de tenacidade guerreira. Osorio manteve com o conde d'Eu a "*estreita amizade*" que cinquenta e dois anos depois inda este relembrava.

Coube ao conde d'Eu terminar a guerra. Fez a campanha da Cordilheira. Foi a parte de sacrificio vital, de teima patriótica, contendo os arremessos estrebuxantes do marechal Lopez a quem as derrotas emprestavam valores de mito, um Anteu que se retemperava ao tocar no solo da Patria, genio multiplicador de esforços, creando soldados do nada, fazendo nascer das pedras e dos rios, das montanhas e dos banhados, os elementos de continuação àquela pagina unica de heroismo coletivo.

A figura de Gastão d'Orleans na campanha da Cordilheira? O juizo da epoca era louvaminheiro ou deturpador. Hoje ha uma palavra unanime de homenagem. Um dos ultimos tecnicos que escreveram sobre a guerra assim se expressa :

“Essa campanha, é justo dizer, constituiu o melhor titulo da nobreza do principe Gastão d'Orleans, que revelou por sua intelligencia,

energia e actividade, possuir as verdadeiras qualidades de um chefe de exercito" (4).

.....

A benignidade do moço general para seus comandados, sua vigilancia, cuidados diarios, tino seguro, detalhada curiosidade por tudo quanto se relacionasse com seu cargo, ressaltaram imediatamente sua figura num ambiente de justiça.

Veteranos dessa campanha narram episodios denunciadores. João da Fonseca Varela (1850-1931) disse-me que corria nos acampamentos a lenda de que o conde d'Eu dormia com um olho fechado e outro aberto. E quasi sempre vestido. Havia ordem para qualquer pessoa procural-o e instituir as audiencias publicas semanaes. Nunca um soldado deixou de ser recebido por ele. Suas informações para o ministerio da guerra, acompanhando recursos do conselho militar, que quasi sempre condenava, eram invariavelmente sugerindo a diminuição

(4) GENERAL J. S. TORRES HOMEM — "*Annaes da guerra do Brasil com os Estados do Prata e Paraguay*" — Publicado no Rio de Janeiro em 1911. Pag. 303.

da pena e quando esta era de morte, sua comutação em prisão simples.

Era ele, dizia-me o general João da Fonseca Varela, um dos primeiros a despertar no acampamento. Nunca a tropa se fez em marcha que o conde d'Eu não a seguisse algumas horas. As chuvas, o lamaçal, o desconforto, a perda de comboeiros de sua barraca, fazendo-o comer uma só vez ao dia, noite alta e sumariamente, jamais alteraram seu impassivel bom-humor e a tranquila polidez com que conquistava as almas rudes e sonoras dos seus comandados.

Sua perspicacia, a atenção alerta despertada em defesa dos direitos do exercito, sua infalivel polidez para officiaes e praças, sua piedade para os doentes, prisioneiros e multidões famintas, são virtudes conhecidas.

Quiz Deus que ele tivesse um cronista diario, anotador sereno, perspicaz, registrando dia a dia a vida do Exercito. Era o redator do "DIARIO DO EXERCITO", o tenente Alfredo d'Escragnolle Taunay, (visconde de Taunay). Os volumes gravaram tudo. E' o mais alto, desinteressado e claro

depoimento da firmeza dum general e da limpidez duma conduta (5).

O FINAL DA "PEQUENA GUERRA"

Nunca se discutiu tanto fóra do assunto como na nomeação do conde d'Eu para o comando-em-chefe dos brasileiros em guerra. A exploração inicial foi arrepiar o velho marquez de Caxias cujas susceptibilidades e melindres assombrariam qualquer gabinete. Não seria impossível que o "velhão", veterano de cem combates vencidos, egide conservadora, fizesse, no minimo, uma substituição ministerial em 1869 com a facilidade com que derribara em 1868 a omnipotencia de Zacarias de Goes e Vasconcelos.

(5) Revisto pelo filho do autor, dr. Afonso de Taunay, tão culto e vibrante como seu illustre pai, a Companhia Melhoramentos de S. Paulo reeditou o "DIARIO DO EXERCITO" dividindo-o em dois tomos. Documento indispensavel para o estudo do final da guerra paraguaia. Não ha data. Deve ser, entretanto, 1927.

Os tomos teem os titulos: "A Campanha da Cordilheira" e "De Campo Grande a Aquidaban". Outro livro do visconde de Taunay, "Cartas da Campanha", completa a serie insubstituivel e magnifica.

Dizia-se que o príncipe consorte preteria glórias autenticas, desprestigiaria toda uma serie de generaes legitimos com o fito exclusivo de fazer-se alvo da popularidade brasileira. O acusado diretamente era o Imperador que desejava recomendar o genro à gratidão nacional numa folha de serviços excepcionalmente valiosos. Terminar a guerra garantiria a immortalidade na memoria coletiva. Convinha não deixar passar ocasião destas. E o feliz Orleans substituiria, na hora do premio, quem o merecêra...

O marquez de Caxias andou, semanas inteiras, sendo e não sendo o comandante em chefe das forças brasileiras no Paraguai.

Jourdan, em sua Historia, resume as deduções e comentarios dos acampamentos.

O ambiente moral que o jovem conde d'Eu encontrou em Assunção era este.

“Na ordem do dia n. 273, de 18 de janeiro, declara o general em chefe que, achando-se com a saúde alterada, deixa as forças sob seu comando entregues ao marechal Guilherme (6) até que, restabelecido, volte para o Exercito. A ordem do dia n. 1,

(6) O marechal Guilherme Xavier de Souza faleceu em S. Catharina no mesmo anno de 1869.



D. ANTONIO D'ORLEANS-BRAGANÇA
(fardado como oficial do Regimento "Royal Canadian Dragoons")

de 25 de janeiro, do marechal Guilherme, torna publica por sua vez esta occorrença. As de ns. 2 e 3, de 29 de janeiro e 9 de fevereiro, publicam varias disposições em nome do marquez de Caxias. A ordem do dia 274 datada de Montevidéo, com a data de 31 de janeiro, publica diversas ordens e nomeações como general em chefe. Na ordem do dia n. 275, de 9 de fevereiro, declara Caxias que está gravemente enfermo, e que, tendo obtido licença para tratar-se no Brasil, entrega o Exercito ao marechal Guilherme, prometendo que se tiver a fortuna de se restabelecer, voltará para continuar a ajudar o Exercito na *ardua campanha em que estamos empenhados*. A ordem n. 4, de 20 de fevereiro, publica esta occorrença, e a ordem para o marechal Guilherme de assumir o comando interino do Exercito.

Lendo-se com atenção estes valiosos documentos, encontram-se contradicções singulares. A 18 de janeiro o general em chefe, precisando mudar de ares a conselho de seu medico, ausenta-se do Exercito por alguns dias prometendo voltar. Na de 29 e 31 de janeiro ainda o general em chefe, embora em Montevidéo, se ocupa da administração do Exercito, continuando a exercer seu comando. Na de 9 de fevereiro (n. 275) é que declara ir para o Brasil tratar-se, prometendo, caso se restabeleça, vol-

tar para *continuar a ajudar o Exercito na ardua campanha em que estamos empenhados.*

Ora, na coleção das ordens do dia do Exercito, publicadas no Rio de Janeiro em 1877, não somente faltam ordens do dia como a que foi publicada em Vileta; mas a ordem do dia 272, retrospecto das operações de dezembro, declara, em 14 de janeiro *que a guerra está acabada, somente restando a Lopez fugir para fóra do Paraguai.* Disse que daquela data em diante *nem mesmo a pequena guerra de recursos pôde Lopez sustentar, pois o Paraguai está completamente exausto.* Em 9 do mez seguinte o mesmo general em chefe, tanto não contava com a guerra acabada que a classificava de ardua e prometia voltar, ou pelo menos contava que a gloria de acabar a guerra lhe pertencia. Nenhum acontecimento se havia dado naqueles poucos dias que pudesse mudar a opinião do general em chefe quanto à posição precaria do inimigo. Por outro lado corria o boato de que *outro general queria colher loiros nos campos do Paraguai, e que este general precisava de se recomendar à nação brasileira por serviço relevante como o de acabar completamente a guerra.*

Prometia ser breve o desenlace da campanha, e os paraguaioes de 1869 não eram já os de 1865, em fim o conselheiro Paranhós ia coadjuvar a forma-

ção de um governo provisório da Republica, o qual declararia, caso fosse preciso, o Ditador fóra da lei.

Parece que constando ao velho general duque de Caxias que lhe era dado um sucessor na pessoa do principe Conde d'Eu, e que este ia colher as glorias que julgava pertencer-lhe, ficou ferido em seus melindres, e mandou então publicar a ordem do dia n. 272, intercalando-a com a data de 14 de janeiro: ordem do dia em que declarava estar acabada a guerra, e portanto ter sido verdadeiramente terminada por ele, Duque de Caxias" (7).

Os topicos sensacionaes eram tres e estes preparavam um cenario de extranheza e de malicia. Na ordem do dia n.º 272, inda da capital paraguaia, a 14 de janeiro de 1869, o velho Caxias, depois de historiar as jornadas de dezembro, decisivas para a obstinação fanatica do "El Supremo", diz:

"Os importantissimos acontecimentos e vitorias as mais completas por nós alcançadas, durante os memoraveis vinte e cinco dias do mez de dezembro proximo passado, *puzeram termo, em minha opinião, à guerra do Paraguai.*

O ditador Lopez foge atonito e espavorido diante de nossos soldados triunfantes, até que possa efe-

(7) O Marquez de Caxias foi elevado a duque do mesmo titulo a 23 de Março de 1869, vinte e quatro horas depois da nomeação do conde d'Eu para o Comando em chefe.

tuar, se lhe fôr possível, sua fuga para fóra do Paraguai.

Nas condições criticas em que nossas manobras e a intrepidez de nossos soldados o collocaram, restar-lhe-ia a pequena guerra, de recursos, se a republica do Paraguai não estivesse, como está, completamente exausta deles."

E fechando sua exposição gloriosa o general termina, peremptorio:

"A guerra chegou ao seu termo, e o Exercito e a esquadra brasileira podem ufanar-se de haver combatido pela mais justa e santa de todas as causas."

De Montevidéo, a 7 de fevereiro, na ordem do dia n.º 275, fãla comovidamente aos seus comandados. Resalta este trecho:

"Se por ventura tiver ainda a fortuna de restabelecer-me nos lares patrios, contem os meus bravos companheiros de glorias e fadigas, que ainda voltarei um dia para continuar a ajuda-los na ardua campanha em que nos achamos empenhados."

Mezes depois, serenado o animo belicoso do ancião venerando, a verdade obrigou-o a contra-

marchar. No seu discurso de 15 de julho de 1870, Caxias explicava aos seus colegas senadores os detalhes de sua ação no Paraguai e desceu a minúcias. Uma delas respondia às suas ordens do dia de 14 de janeiro e 7 de fevereiro de 1869.

“Senhores, nunca dei a guerra por acabada. Apenas manifestei a minha opinião. Depois do que vi, depois do que se passou, eu não podia supor que Lopez pudesse ainda continua-la do modo como a tinha sustentado até então.

Qual foi o ato que pratiquei, quaes as forças que mandei retirar das posições em que se achavam, dando por finda a guerra? Não ha nenhum.”

E antes de iniciar sua esplendida defesa o duque de Caxias eleva sua voz de comando para acompanhar a maioria senatorial na “resposta ao Voto de Graças” dizendo:

“... voto por todos eles, especialmente por aquele que contem bem merecidos elogios ao augusto principe que comandou o Exercito na ultima faze da guerra.”

Mas nenhum oficial-general, soldado, jornalista, conservador ou liberal, estridentemente par-

cial pode afirmar a participação do conde d'Eu n'alguma manobra que antecedesse e explicasse sua escolha. Todo Exercito sabia de seu proclamado desejo de ir bater-se no Paraguai. Soldado de curso, com habitos de campanha, apaixonado pela carreira, cincoenta e dois anos depois, inda vibrava de entusiasmo relatando os episodios da luta.

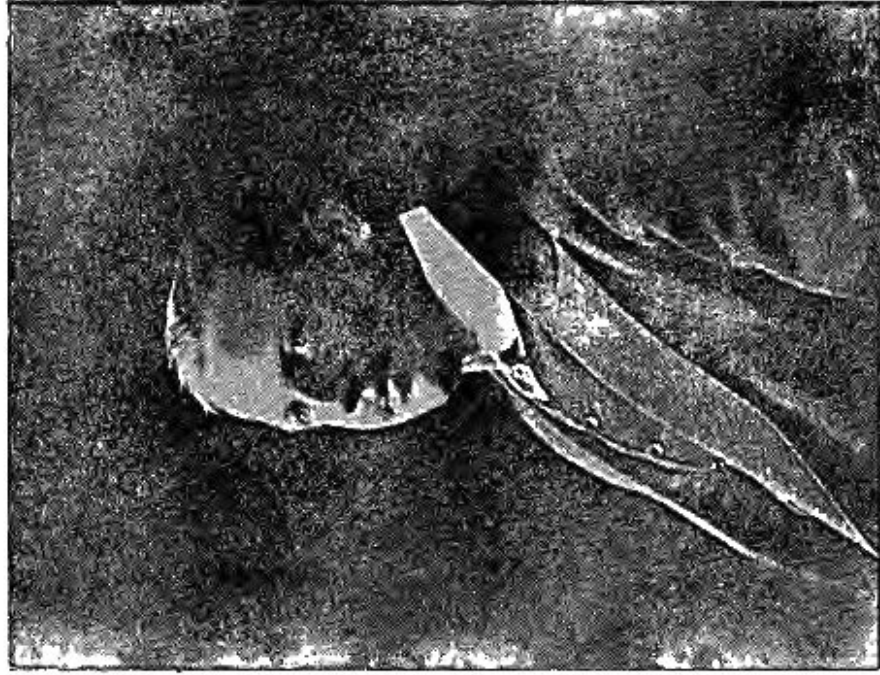
Mas a ultima faze da guerra contra Francisco Solano Lopez teve, sem vontade consciente de sua parte, uma lapide ironica. Foi a "pequena guerra", o fim, o acabar, o esperado e facil "colher louros" sem o perigo de semea-los. Inda hoje esta fraze injusta, inveridica e cruel, espreita nos escaninhos de livros sisudos.

A Campanha da Cordilheira responde pelo sacrificio e pelo heroismo de seu dirigente supremo. Teve o conde d'Eu às suas ordens a fina-flor do Exercito.

Na jornada de agosto de 1869, serie aspera de embates gigantescos de homens fatigados contra homens exaustos, batalhas travadas numa região sem mapas, sem estradas, com ladeiras talhadas na pedra, com trilhas sinuosas onde os canhões enfiados derramavam a morte, o conde d'Eu deixou, para sempre, o testemunho duma coragem serena,

tranquila, que de socegada e polida parecia não conhecer exatamente a distancia das balas nem julgar do impeto bravio dos derradeiros “aca-carayá” lopesguaaios.

Essa jornada de agosto leva nomes que evocam cargas de cavalaria, bandeiras esfareladas pela metralha e fincadas no rebordo das trincheiras inimigas, golpes de espadas incansaveis, lutas de baionetas correndo à doida sobre abatizes. . . O primeiro corpo de Exercito foi entregue ao general Manuel Luis Osorio, visconde de Herval, que havia seguido o conde d’Eu, dispensando a licença, inda mal-ferido, com o queixo enfaixado nas ataduras hemostaticas. O segundo corpo recebia ordens do legendario Polidoro da Fõnseca de Quintanilha Jordão. Depois de Paraguari o marechal Vitorino José Carneiro Monteiro substituiu Polidoro e depois de Caacupê Osorio retirou-se, impossibilitado de assistir às lutas que o apaixonavam, sem mais poder montar a cavalo, obrigado a comandar tropas viajando num carro. Em seu lugar ficou José Luis Menna Barreto, brigadeiro. O comando-geral de artilheria pertencia a Emilio Luis Malet, imperturbavel e risonho no meio da tempestade que seus canhões desencadeavam.



D. Luiz d'Orleans-Bragança

Só sabiam que o momento era de terrível delicadeza tragica quando o veterano começava, insensivelmente, a gritar pelos filhos e a falar francez. As divisões caíram em mãos habeis e tradicionalmente habeis. De infantaria foram os brigadeiros Carlos Resin, José Auto da Silva Guimarães e o coronel Herculano Sancho da Silva Pedra. De cavalaria foram os brigadeiros João Manuel Menna Barreto que morreu à frente de sua tropa em Peribebuí, José Antonio Correia da Camara, o caçador de Lopez, visconde de Pelotas, Vasco Alves Pereira, cavalariano afoito, impavido e afeito às galopadas loucas, Manuel Oliveira Bueno e Carlos Betbezé de Oliveira Nerí. Os contingentes aliados estavam representados por seus comandantes, Emilio Mitre, pelos argentinos e Enrique Castro pelos uriguaios.

A jornada de agosto caracteriza a chamada “campanha da Cordilheira”. De aí em diante é apenas a busca seguida e afanosa ao “mariscal” fugitivo e feroz como uma panitéra ferida e errante num juncal malaio. A 7 é a tomada do desfiladeiro de Velenzuela e ocupação do povoado. 10, 11 e 12 marcam o sitio, assalto e tomada de Peribebuí, a terceira capital do ditador. A 16 é a vitoria de

Nhu-Guassú. A 18 é a batalha de Caguidjuru. 21 é o combate de Botuí. Todos estes encontros são dirigidos pelo conde d'Eu. Em Campo-Grande (Nhu-Guassu) como em Peribebeuí, arriscou sua vida como o menor de seus soldados.

Aqui está um episódio típico. Conta-o Tau-nay: ("Recordações de guerra e de Viagem." Weiszflog Irmãos. S. Paulo. 1920).

"Nesses incessantes reconhecimentos, às vezes, seguidos um dia apôz outro, mostrou o Principe grande habilidade estrategica, paciencia de experimentado capitão, indiscutivel coragem e notavel sangue-frio. Uma vez, diante da picada de Ascurra com cuja boca enfrentavamos, convidou-nos, a mim e ao Salgado, para nos aproximarmos mais que fosse possível. "Pelos menos, observei, convem que ponhamos as capas dos *bonés* para ocultarmos quem vai expor-se tanto e as nossas proprias divisas de official." "Com efeito, conçordou o Conde d'Eu, é precaução bem lembrada". E tirando do bolso as capinhas brancas tão de uso no exercito todo, o que fazia com os paraguaiois nos chamassem numa palavra guaraní que agora me escapa — *cabeças brancas* (8) — assim nos adiantamos.

(8) A palavra guarani que corresponde a "cabeça branca" é *acá morôti*.

Chegamos, pois, mais e mais, e contamos sete ou nove peças de grosso calibre assestadas. Tão perto estavamos que distingui perfeitamente as feições e barbas dos artilheiros a postos. Um daquelles canhões que disparasse então e estavamos perdidos, o Conde d'Eu e nós dous. Precisava, porem, o comandante em chefe patentear bem claramente ao seu exercito, que sabia tambem ser valente e não tinha medo da morte.

Nesse dia voltei para o meu quartinho, com a convicção de que nascera outra vez...”

Um outro quadro rapido:

“Foi a primeira tentativa nossa de transposição do arroio repelida com vantagem não pequena para os paraguaios. O coronel Pedra atirou-se ao rio, para dar o exemplo aos seus, caiu do cavallo e levou no pescoço um lançaço, de que providencialmente foi salvo pela gravata de grosso couro que o cingia.

Aproximava-se com a maior valentia, e sempre com as côres rosadas de sua tez, o Principe e ahi corremos, ele e o estado maior, que o cercava, poucos aliás, grande perigo, pois o despejar de balas de fuzilaria e artilheria era continuo, alem das cargas de metralha, que varriam tudo diante de si com o seu crocitante e pavoroso chocalhar de imensa rêde de aço a se abrir no espaço.

O general José Luis Menna Barreto, a galope de um lado para outro e sempre galhardo, voou ao encontro do Conde d'Eu e pediu-lhe que não se expuzesse tanto. — “Não ha necessidade disso — disse ele com toda a singeleza — a batalha está ganha. Se precisassemos de um grande exemplo por parte do Principe e do General em Chefe, eu não impediria por certo a Vossa Alteza de o dar a bem da vitoria de nossas armas.”

Desta vez retiro dos jornaes da epoca este quadro:

“... o fogo tornou-se muito intenso; o Principe mandou transpor o passo, e ele proprio, sem calcular o perigo que corria collocando-se ao alcance do fogo inimigo, transpoz o passo com os seus comandados.

O inimigo tentou retirar-se para se apoiar num capão de mato que estava proximo; então o Principe quiz avançar, não obstante as muitas balas inimigas que cahiam a seu lado, e o capitão de fragata Salgado pediu licença ao Principe para observar-lhe que não se devia expor tanto, pois a intrepidez dos soldados brasileiros era garantia de triumpho.

Tendo o Principe, apezar desta reflexão, fustigado o seu cavallo para avançar, o capitão Francisco Joaquim de Almeida Castro, seu ajudante de ordens,

aproximou-se do cavalo de Sua Alteza, e, prendendo-lhe a redea, pediu ao Príncipe que não desse um passo para diante, que era por em risco sua vida; o Príncipe ordenou ao capitão seu ajudante de ordens que soltasse a redea de seu cavalo, mas o capitão Almeida Castro desobedeceu ao comandante em chefe para salvar a vida de Sua Alteza.

Então o Príncipe disse-lhe: — “Está preso, sr. Castro” — ao que o capitão respondeu-lhe: — “Quero ser preso, mas quero salva-lo” — e deixou a redea do cavalo do Príncipe tendo seu cavalo baleado; porém ás solicitações dos officiais do seu estado maior, Sua Alteza permaneceu no mesmó lugar; não avançou nem retrocedeu.”

Para findar recordeo um fato que Taunay fixou. Constitui o téma do quadro de Pedro Americo, “A BATALHA DE CAMPO GRANDE” (9).

(9) Os episodios acima narrados cito-os tirando-os de Taunay pela elegancia com que o cronista inimitavel da “RE-TIRADA DA LAGUNA” descreve e fixa. Foram fatos muitissimo citados na imprensa da época. Poderão ser encontrados, como outros, na “HISTORIA DA GUERRA DO BRASIL”, em quatro volumes, (Rio. 1871. Sem indicação de autor.) que tem a vantagem de transcrever as communicações dos correspondentes de jornaes. A documental é vasta. No 4.º volume, pags. 354, 359, 360, 370, 414, 608 e 610, estão registados atos de bravura pessoal do conde d’Eu.

“Foi quando o Conde d’Eu por seu turno transpuz o ribeirão e, apenas do outro lado, correu gravissimo perigo. Um batalhão paraguaio, reformado à borda do mato, de lá saiu com temivel furia e cahiu sobre um corpo de infantaria, atraz de cuja linha singela então nos achavamos. Este não resistiu ao impeto inimigo e debandou, deixando-nos absolutamente sem proteção. Vi-me perdido. O Conde d’Eu sacou da espada, no que todos o imitamos e pozemos os cavalos a galope indo ao encontro da carga. Aí, porem, outro batalhão nosso em desapoderado marche-marche pôde a tempo repelir o ataque, encurralando os paraguaios de novo junto á beira do mato, onde os fuzilou com a maior energia.”

O soldado que o imperador mandara dirigir os brasileiros no Paraguai assim se portava em face ao inimigo.

A “pequena guerra” trazia desses aspectos. Transformara-se numa guerra de escaranuças tragicas, de ciladas sinistras, de aratacas hediondas. Nunca se fizeram, como naqueles mezes terriveis, mais necessarios, alem dos dotes de inteligencia e de energia, os recursos inexgotaveis de serenidade e de confiança nos destinos da tropa confiada à direção moça do conde d’Eu. E um dos valores mais

positivos era a certeza absoluta que o General em Chefe estava possuido da inevitavel vitoria final...

*

* *

O STRATEGÔS

Restã saber se o conde d'Eu merecia o nome de general ou se o usava pelo simples fato de nascer principe e se haver casado com a herdeira do trôno. Os historiadores militares já não fazem restrição às excepcionaes qualidades taticas e estrategicas de Gastão d'Orleans mas, para o grandê-publico, o principe se mantem como um submisso pupilo dos veteranos como Herval, Polidoro, Vitorino, Camara. Osorio é sabido que de Napoleão tinha o instinto divinatorio do "môvimento que salva" no momento exato. Era incapaz de estudar um plano, pesar as consequencias, calcular, medir, prever. Somente em ação é que se lhe desenvolviam as faculdades maravilhosas de comando. Ele era a ação. Polidoro foi sempre homem de detalhe, de estudo parcial, sem enfrentar um "master-plan" de conjunto.



O CONDE D'EU EM 1922
(fotografia divulgada pela Família
Imperial por ocasião das exequias)

O mais sereno era Camara mas este, comandante de divisão, raramente assistia aos conselhos. Quando o conde d'Eu reuniu seus generaes para discutir e assentar o plano-geral da campanha que se chamaria "definitiva", compareceram apenas Osorio, Polidoro, o general argentino Emilio Mitre, o chefe da esquadra brasileira Elisiario, o conselheiro Paranhos. O unico que podia falar obstinadamente era Herval pela impetuosidade de seu carater. Polidoro, espelho de virtudes militares, cumpria ordens. De Osorio um pequeno episodio denuncia seu "metodo" de guerra. Na marcha de Paraguari para o passo Pipucu o exercito esbarrou bruscamente, em Sapucáia, numa trincheira apoiada por uns canhões. Osorio aconselhou atacar imediatamente, de frente, em cargas sucessivas. "E' um momento. Vossa Alteza verá" — dizia ele entusiasmado. O conde d'Eu não aceitou a sugestão. Mandou abrir picadas lateraes, mandou entrar por elas as brigadas, desalojou os paraguayos, caindo em seu poder canhões, homens e munições sem perdas pessoas. Demorou mais tempo mas a calma recolheu seu proveito.

Estabelecido em Piraiú o conde d'Eu deixou um corpo de exercito em Taquaral.

Estas duas posições ficaram exatamente em frente da cordilheira, diante das fortificações paraguaias, orgulho derradeiro de Lopez. Ali, olhando para os brasileiros, estavam as trincheiras emboscadas. Nas subidas, Cabanas, Pedrosos, Cerro Leon, espreitavam canhões. Ascurra, acampamento onde o ditador colocara sua esperança de vingança, ficava no meio. A linha brasileira era paralela a estas fortificações trepadas no alto da cordilheira de Ibitirapé. O plano consistiu simplesmente em fazer crer aos paraguaios que a marcha do exercito visaria as fortificações da cordilheira atacando-as pela frente. Toda atenção dos generaes de Lopez ficou desviada para o desfiladeiro de Ascurra e para os pontos-fortes de Cerro Leon, Cabanas, Pedrosos, etc. Quasi diariamente o exercito fazia reconhecimentos. Duelos de artilheria troavam, horas. A's vezes corpos inteiros do exercito locomoviam-se em frente às posições escolhidas.

Por sua vez os argentinos, que estavam em Cerro Leon, simulavam a mesma tenção. Lopez, avisado e crente das disposições do conde d'Eu, mandou tropas, munições e armas melhores. E Ascurra, atacada quasi sempre, ficou legendaria como inexpugnavel.

De subito, deixando José Auto da Silva Guimarães em Piraiú, o conde d'Eu levou o exercito para Paraguari. Daí em diante é a estrada que contorna a cordilheira. Deu-se então o episodio da trincheira de Sapucaia (ou Sapucaí) e atingindo o arroio Pipucu todo exercito, sem perda de um homem, subiu a cordilheira pela estrada de Venzuela que Lopez deixara livre, à retaguarda das fortificações da montanha. Ficaram inuteis Ascurra, Cabanas, Cerro Leon e Pedrosos porque o exercito caminhava agora no cimo da cordilheira e em réta paralela ao movimento descrito em baixo, de Piraiú para Paraguari.

A campanha de agosto, estrategicamente, consistiu nesse ovo de Colombo.

De aí por diante é o combate e tomada de Peribebui, a marcha-em-curva para Campo Grande que foi tomado tambem, a ida e estabelecimento do Q. G. em Caraguataí e finalmente a viagem para Vila Duarte, passo Tibati onde, apanhando o rio Manduvirá, voltou o general-em-chefe a Assunção. O exercito de Lopez, o quarto exercito e a terceira capital, estavam destruidos. Começava a procura dum fugitivo. E nem assim foi ainda a "pequena guerra"...

A marcha tornejante que o conde d'Eu empreendeu com o exercito, recusando os alvitres de acometer as tropas paraguaias assentadas no alto de Ibitirapé, livrou as forças de uma das mais asperas, demoradas e sangrentas campanhas.

Uma virtude precipua salientou-se em seu carater de comandante em chefe. Foi saber confiar nas iniciativas de seus subordinados, dando-lhes, dentro das linhas geraes do plano, ampla liberdade de modificação e de critica. Pelo "DIARIO DO EXERCITO" vemos por onde e como recomendava ele ao general Camara.

O prestigio dos generaes combatentes vinha justamente da certeza do apoio que o conde d'Eu daria aos seus atos.

O visconde de Taunay regista o cuidado minucioso com que o conde d'Eu dava instruções. Lia todas as partes, resumia os informes dos prisioneiros e transfugas, fazia a sintheze das notas mandadas pelas patrulhas de reconhecimento, estudava minuciosamente os lugares, accidentes de terreno, pesando o trem que levava e a extensão da impedimenta atrapalhadora. Taunay chama exaustivos os estudos levados a efeito pelo conde d'Eu toda vez que mandava um general em missão arriscada. Pa-

recia aceitar toda responsabilidade do successo que falhasse.

Eis porque em seu officio ao barão de Muritiba, ministro da Guerra, o conde d'Eu, a 3 de setembro de 1869, narrando a campanha de agosto, assume a responsabilidade de todos os atos da marcha.

“— Se erro houve, o erro foi só meu. Diz-me, porem, a consciencia, que fiz quanto pude e que a providencia visivelmente nos protegeu, permitindo-nos alcançar os resultados que tivemos.

Ela permitiu que, junto à trincheira de Sapucaí, a abertura de uma picada nos poupasse o sangue que naturalmente nos devia custar uma estreita senda enfiada por artilheria. Permitiu que nos apoderássemos da longa e ingreme picada de Velenzuela, antes que o exercito inimigo chegasse a ela tomar posição e ainda que a valentia da nossa infantaria vencesse a trincheira da praça de Peribebuí, antes que lhe apparecesse o reforço esperado de Ascurra.”

De todos os documentos do comando do conde d'Eu é justamente este, officio de 3 de setembro de 1869, datado de Caraguataí, o mais importante como registo dos movimentos militares de agosto. Quando pedi ao conde d'Eu uma indicação que me facilitasse o estudo da campanha da Cordilheira, indicou-me Sua Alteza seu officio ao ministro da Guerra, dizendo-me ser o mais completo e que melhor satisfazia como informação e detalhe. Está publicado na coleção das ORDENS DO DIA, referentes ao comando-em-chefe do conde d'Eu, anos 1869-70, pag. 502-549.

Se existe, com justiça de claridade meridiana, um titulo merecido para Gastão d'Orleans, é o velho nome de "strategôs" com que os gregos galar-doavam seus melhores chefes de tropa em campanha.

*

* *

O CONDE D'EU, ABOLICIONISTA

Do conde d'Eu ser abolicionista declarado apenas Osorio Duque Estrada foi mais explicito em sua "Abolição":

“O conde d’Eu (confia quem nutria o povo injustas prevenções, porque apenas via nele o consorte estrangeiro da futura imperatriz do Brasil, esquecendo os seus relevantes serviços de guerra e a attitude reservada e discreta que manteve durante a regencia de 1871) era o unico membro da familia imperial declaradamente abolicionista.”

.

Os filhos do conde d’Eu possuíam um jornalinho, o “Correio Imperial”, aberta e largamente abolicionista. Para os principes-redatores o escravo era uma vitima, um martir e chamavam a princeza Izabel de “FADA” porque ela se condoía dos desgraçados sem direitos. Anunciando uma batalha de flores, que se realisou em Petropolis em fevereiro de 1888, o “Correio Imperial” espalhava versos ingenuos e definitivamente ligados ao movimento que visava redimir uma população condenada sem processo e sem crime.

*“Essa batalha preclara
De flores de mil matizes,
Grandes venturas prepara
À sorte dos infelizes.*



D. IZABEL DE BRAGANÇA, CONDESSA D'EU

(fotografia de 1931 divulgada pela Família Imperial por ocasião das exequias)

*Com ardor é pelejada
Por uma fila de bravos,
Sob os auspícios da Fada
Que se condôe dos escravos.*

No Paraguai o conde d'Eu provocara a abolição da escravatura. A 12 de setembro de 1869 enviava ele um officio aos membros do Governo Provisorio da Republica onde sua formal repulsa a essa posse hedionda está patente e completa.

“Senhores.

Sobre diversos pontos do territorio desta republica, que já percorri à frente das forças em operações contra o dictador Lopez, aconteceu por vezes de encontrar individuos dizendo-se escravos de outros e entre elles numerosos dirigiam-se a mim para pedir-me de lhes conceder a liberdade e de fornecer-lhes um verdadeiro motivo de se associarem à alegria, que experimenta a nação paraguaya vendo-se libertada do governo que a opprimia.

Conceder-lhes o objecto de seu pedido fôra para mim uma doce ocasião de satisfa-

zer os impulsos de meu coração, si tivesse eu poder para fazel-o. Mas o governo provisório, do qual estão Vossas Excellencias encarregados, estando felizmente constituido, é a elle a quem incumbe de decidir todas as questões, que interessam a administração civil do paiz. Não posso, pois, melhor agir do que dirigindo-me a Vossas Excellencias, como o faço, para chamar vossa atenção sobre a sorte desses infelizes no momento exactamente em que se trata da emancipação para todo Paraguay.

Si lhes concedeis a liberdade, que elles imploram, rompereis solemnemente com uma instituição, que foi desgraçadamente legada a varios povos da livre America por muitos seculos de despotismo e de deploravel ignorancia.

Tomando esta resolução, que pouco influirá sobre a produção e os recursos materiaes deste paiz, Vossas Excellencias inaugurarão dignamente um governo destinado a reparar todos os males causados por uma longa tyrannia, e a conduzir a nação paraguaya

pelo caminho desta civilização que felicita os outros povos do mundo.

Deus guarde a Vossas Excellencias.

GASTÃO D'ORLEANS.

Carlos Loisaga, Cirilo Rivarola e José Dias Bedoia, que constituíam o governo provisório paraguaio, não demoraram em responder ao apelo do príncipe, especialmente vindo ao encontro dum ponto do programa governamental. Com a data de 2 de outubro de 1869 o governo sancionou um ato declarando: — *“desde hoy queda estinguida totalmente la esclavitud en todo el territorio de la republica”*. Inteligentemente avisados os paraguaios falavam no decreto em indenisar *“justa y oportunamente”* aos ex-proprietarios. O ato está assinado por Bedoia e Loisaga.

A lei brasileira que declarava livre os nascituros (inda que os fizesse depender do amo até 21 anos completos) é de 28 de setembro de 1871. A que alforriou os sexagenarios é de 28 de setembro de 1885. A da abolição total é de 13 de maio de 1888. Dezenove anos antes o Paraguai libertava seus escravos sob a sugestão do príncipe-consorte dum paiz que só o faria em 1888.

A lei Rio Branco, chamada do “Ventre Livre”, foi defendida e apresentada pelo ministerio presidido pelo visconde de Rio Branco, o conselheiro Paranhos que no Paraguai assistia às demonstrações abolicionistas do esposo de sua Regente Imperial. Mas a lei era uma burla singular que vai passando com os direitos de vitoria e de benemerencia para todos quantos não teem lido sua extranha redação. O filho da escrava, nascido *depois* dessa lei, ficava sob autoridade do amo que o deveria sustentar até oito anos. Com esta idade o senhor tinha o direito de optar pelos serviços até vinte e um anos ou receber 600\$ pagos pelo Estado em titulos de renda. Como 600\$ não equivaliam aos treze anos do trabalho servil a lei resultava um passe magico para o “statu quo”.

Coteje-se essa vitoria com a portada ampla e nobre da lei paraguaia de 2 de outubro de 1869, dois anos antes... E especialmente o artigo 2.º que expressamente declarava livre todo individuo, qualquer que fosse sua condição anterior e nacionalidade “*por el solo hecho de pisar el territorio paraguaio*”.

O conde d’Eu tivera a coragem de discordar duma instituição basilar nas classes abastadas

e preponderantes do Imperio. Ele, príncipe-consorte, chefe supremo do Exercito, conselheiro nato da futura Imperatriz, dissera serenamente que a escravidão fôra “*desgraçadamente legada a varios povos da livre America por muitos seculos de despotismo e de deploravel ignorancia*”. Nenhum abolicionista, até este 1869, fôra mais radical nem chegara a enunciar esta formula condenatoria, terebrante e altiva. Ninguém fôra mais explicito e claro na exposição leal de suas idéas.

Existe ainda a suposição que a logica empresta argumentos de verdade. Todas as tres leis libertadoras do elemento servil foram assinadas na ausencia de D. Pedro II, pela Imperial Regente D. Izabel. Não é crível que o conde d’Eu se mantivesse alheiado à posição de sua mulher em face dum problema que ele confessava existir como um legado de seculos despoticos e barbaros.

AS LENDAS IMPOPULARISADORAS

Não é possível enumerar as lendas que impopularisaram o conde d’Eu. Elas foram magnificamente lançadas para efeitos politicos e os jor-

nalistas republicanos deram curso forçado a essa moeda falsa da calunia. Os jornais monarchicos julgavam mais urgente a encenação de elogios que a simples e convincente exposição de fatos, com algarismos e notas. Uma vez atingido o fim, para o qual nasceram as lendas, elas caíram murchas, inuteis e negadas pelos seus creadores.

O conde d'Eu veio passando pelas gerações sucessivas como um tipo pouco simpatico de homem avarento, deselegante e descortez. Ambicioso, intruso nos Conselhos da corôa, mau companheiro, mau amigo, desprezador das dedicações espontaneas, sêco, hirto, mediocre e orgulhoso.

Todas as lendas impopularisadoras desaparecem no momento da prova.

A pécha de avarento era uma herança da opposição ao seu avô Luis Felipe. O conde d'Eu passava por ter "Cortiços" e explora-los como meio de renda. O "Cortiço" é um edificio vasto e sujjissimo onde uma população de destroços humanos vive, promiscua e abjetamente, a pouco preço. Toda a imprensa, anos e anos, martelou esta tecla sentimental. E a repercussão clangorava longe nos bicos metalicos das arapongas da "Propagan-

da". Anos seguidos, vozes eloquentes explicaram detalhes desses "Cortiços" desmoralisantes.

A certa verdade sobre o "Cortiço" é que o principe arrendou uns terrenos seus. O arrendatario podia erguer sobre este terreno um circo de cavalinhos ou um hotel arranha-céu. Preferiu construir uma serie de casinhas para os cavouqueiros. Casinhas para familias dos operarios nas pedreiras. Não era um casarão nem existia promiscuidade. Nenhum jornal, por melhor reportagem, pode identificar esses "Cortiços", localisar seu ponto ou rastejar um dos expolinhadados moradores, de tão facil e natural encontro, por serem incontaveis e pobres.

Acusavam-no de ganhar como Marechal efectivo e Comandante Geral de Artilheria. Ganhou como Marechal de março de 1869 a abril de 1870. Voltando do Paraguai requereu passar para o quadro de reserva e nada, absolutamente nada, percebeu mais dos seus bordados decorativos. Tinha, é verdade, o soldo e a gratificação de Comandante da Artilheria. Neste posto era obrigado a expediente de serviço diario, informações, partes, relatorios, todo mecanismo dum chefe de departamento do Exercito. Entre as acusações não apareceu



O ultimo grupo. D. Izabel e o Conde d'Eu em 1921

uma que o dissesse inculto na carreira que abraçara.

A princeza Izabel recebia uma dotação avultadíssima. Eram 150.000\$ anuaes...

Destes, o conde d'Eu nunca pegou um só níquel. Cento e cinquenta contos que, tirante despesas obrigatorias da casa, iam-se nas subvenções, auxilios, dadivas, pensões e esmolos mensaes. Eram tantas as familias sustentadas que a Republica se viu compelida a declarar, por uma lei, que manteria as bocas alimentadas pela dotação particular da Familia Imperial. Ficou, é verdade bôa, sustentando, mas sem que o fosse tirado dos subsidios do Presidente e Ministros. A caridade privada passou a ser oficializada... por algum tempo.

Para o Exercito dedicou o conde d'Eu parte maior de sua energia e inteligencia. Fez regulamentos, projetos de lei para organizar a tropa de acordo com o espirito militar moderno e aperfeiçoamento de seu material de guerra. Socialmente fundou escolas, bibliotecas, colonias orfanologicas, para a infancia desvalida, visitando semanalmente os institutos de caridade e de educação tecnica.

Mas o publico tem dos principes a impressão chispeante do fausto e da prodigalidade. Todas as virtudes gabadas e gritadas como primaciaes numa creatura humana, passam a constituir vicios indiscutiveis quando exercidas pelos principes. O recato, a economia, a frugalidade, a modestia da indumentaria, a vida pautada, rigida, simples, caseira, sem zabumbas, sem festas “a giorno”, sem estardalhaço, são dotes eminentemente apontados como indispensaveis num homem de posição. Num principe dar-se-á o contrario. Recato, frugalidade, modestia, simplicidade ficam sinonimos de sordidez, avareza, sovynice. Vida domestica, amor ao lar, às alegrias intimas, viram orgulho, vaidade, desprezo pelo Povo, vontade de não querer “misturar-se”. O fundo egoistico do burguez inda mais acidula a palavra de reproche. Principe prodigo, faustoso, faulhante de festas e de joias, mulherengo, “noceur”, é uma fonte indireta de renda para seus detratores. O dinheiro escorrega em aclave suave para as bolsas precavidas dos prestamistas, alfaiates, modistas, floristas, joalheiros, hoteleiros. E um mundo miudo e canalha, brilhante e cinico, gravita derredor desse principe

mariposa, tão inútil a si-proprio como nocivo à sua raça.

O conde d'Eu era uma antítese dessas virtudes que a multidão gosta de ver nos príncipes. Caseiro, familiar, agarrado aos filhos, sem vestir fardas espelhantes, pouco amigo de cavalgatas ruidosas, de paradas imponentes, de arcos e triunfo e de chuva de rosas.

Uma noite de baile imperial, André Rebouças, mais fidalgo pela intelligencia e pelo carater que tanto barão que ali no Paço existia, foi successivamente recusado por varias senhoras. Era escuro, o mestre inesquecível e sabio. O orgulhoso Orleans notou. Atravessou o salão com a Herdeira do Trôno pelo braço. Parou ante André Rebouças e numa curvatura admiravel de graça e de distincção, soltou a Princeza Imperial. E o recusado sabio dansou com D. Izabel, honra de raridade manifesta. Desta forma respondia o príncipe-consorte aos que julgavam não dar o talento uma das mais solidas comprovações da fidalguia.

A pécha de avarento corria mundo. Nunca o palacio Izabel teve a vida folgada das Côrtes ricas. O patrimonio da princeza era nenhum

e a familia imperial brasileira sempre possuia mais honras que ouros. Apesar de milionario, de economico demasiado, o conde d'Eu necessitava regular a "ménage" para fazer frente às despesas obrigatorias e serias que era obrigado a ter. Como quotidianamente o palacio Izabel não se iluminava feericamente nem uma multidão vestida de seda, agaloada a ouro, cintilante de joias, passava para seus salões, dizia-se que o conde d'Eu é que não "deixava" a princeza dar festas e luminarias. Os jornaes então, espiando de longe Paris que eles viam atravez do esplendor de Napoleão III, escandalisavam-se com a vida socegada e quieta do principe-consorte.

"O publico não sabia que Suas Altezas não podiam ter larguezas, que viviam economicamente e nem recursos tinham para viver de outro modo. Amigos dos principes com quem tenho relações de amizade assim se exprimem sobre os haveres de então do conde d'Eu, e a prova, dizem, é que o conde ao sahir do Brasil devia uns trezentos contos ao Banco do Brasil. O publico, porem, não sabia disso, nem ninguem se en-

carregava de lh'ò dizer, combatendo assim a propaganda que se fazia contra o esposo da herdeira do throno. Jamais constou que alguém buscasse conter a corrente contra elle. Os boatos passavam em julgado e a impopularidade do principe augmentava sempre" (10).

.....

O amor ao dinheiro estava na "massa do sangue". O conde d'Eu era Orleans e estes, na hora agonica em que a França pagava sua divida de guerra à Prussia, insolente de vitorias, exigiram sua divida tambem. Enquanto os pobres se privavam de pão, empenhavam o anel do casamento, a fatiota dominical, para ajudar a Patria a saldar seu compromisso, os Orleans vieram no meio dos que protestavam. E a França pagou aos dois creadores. Cinco milhares à Prussia e quarenta milhões aos descendentes do seu rei. . .

Porque nenhum jornal dedicado ao trôno reduziu a cisco esta balela? Porque nem uma voz se alteou para conjurar o fantasma mentiroso?

(10) ERNESTO MATTOSO — "*Cousas do meu tempo*" — Bordeaux. 1916. Pags. 154.

Nem um centimo saiu das caixas do tesouro francez para os Orleans. Nem um franco em moeda ou papel. A lenda dos 40.000.000 de francos prejudicou imenso ao conde d'Eu. A onda de odio que se levantou em França vinha morrer nas praias cariocas.

Napoleão III, por decreto de 22 de janeiro de 1852, confiscou os bens patrimoniaes dos Orleans. Esse ato foi um golpe de força porque muitos ministros se demitiram para não assinar um decreto visivelmente nulo, injusto e odioso. Os bens foram calculados em 80 milhões. De 1852 o Estado ficou gozando de pleno direito o que não lhe pertencia. De 1852 em diante o Governo recebeu as rendas das propriedades e cortes de madeiras. Até 1872 a soma official ia, como cifra annual recebida pelo Estado, a 1.200.000 francos. Haviam sido vendidos imoveis no valor de 54 milhões. Tudo isto sem processo regularizador, sem authorisação legal, sem prova de crime pelos Orleans. Os ministros recusavam referendar um ato que feria de frente a propriedade privada sem que nenhum processo inquiritivo provasse a illegitimidade da posse anterior. Desta maneira Napoleão III creava a resurreição da lei romana de

Sila como castigo de confisco para os crimes politicos. Como todo francez é politico não havia um só que justificasse o imperial gesto do sobrinho do “*petit caporal*”.

Um dia veio a reação. Pela lei de 23 de novembro de 1872 a França restituiu aos Orleans *os bens não vendidos*. Esta lei foi votada pela unanimidade de 614 deputados presentes à Assembléa Nacional. Entre os votantes estavam nomes insuspeitos como Thiers, Gambetta, Carnot, Jules Simon, Brusson, Casimir Perier, Leon Say, Ernest Picard, Jules Favre, Cremieux, Pelletan, Naquet... Aí está a resposta pela constitucionalidade da lei e a limpidez da atitude da Camara reintegrando os Orleans no que restava de seu patrimonio particular. O que escapara a Napoleão fôra entregue aos seus legitimos donos. *Voilà...*

O conde de Colleville no “Le Duc d’Orleans intime” informa alguns detalhes:

“Le revenu des biens confisqués et non vendus était estimé en moyenne à 1.200.000 francs par année. L’Etat eu a joui pendant vingt ans: il a donc touché 24 millions qui

Castello de Leu 4 de Julho de 1922

Ilmo Sr. Prof. Luiz de Lameira Lacerda

Não quero tributar um agradecimento

à generosa oferta de seu
bello livro "Alma Viática"

no qual analisa a mentalidade
litteraria de seu tempo vital.

Admirei a elegancia de seu estilo
e vi com tanto interesse as

intelligentes e precisas sobre as

produções poeticas das recentes

generações e os traços biographicos

d'essa brilhante sociedade

em parte promaturamente

ceifada. Desculpe não poder ser.

mas antes; pois a saúde tende
alberouse por estes dias com o
aproveitamento de boas coisas
de infocação do carácter adhamico
e caritativo. Este estado de coisas
obrigam a abandonar a casa
muita família nosse propria de
e do Brasil tomar parte no
celebrante do Centenario da
Independencia Patria: e' para nos
grande contrariedade

Sinto vivamente não poder
satisfazer seu pedido de
fornecer-lhe um exemplar de
seu trabalho "Pavão em todo o
mundo", por a classe a pedido

has annuenciadas tendo sido
acidentalmente encerradas
respectiva tiragem de 50 exemplares
que sobravão Não despendo mais
de nenhum.

Também vi-me a' pessoal
d'ambos conformes de que dei
cotas anteriores na manifestar
muitas imperfeições de tanto em que
me cabia a honra e a fortuna
do livro e sobretudo a honra
brasileira. Tal trabalho estava logo
acusa de muitas faltas. Tive
apenas suggestões a la tua do
desenho que prometteras ao H. de
Militar durante muito de certo antes
no Rio de Janeiro e de cuja imperfeição
no Journal de Commercio de 26.

fevereiro de 1921 e tambem a de
meu officio ao Ministro da Guerra,
tanto o principal datado de 2 de
setembro de 1869 mais 20 impressos
em outubro seguinte, no Collecado
das Ordens da de Exercito que
deve encontrar-se concluidos e
lucramentos annua; e talvez tambem
na Branca Official

Lembrancas offitiosas

Cartas d'Ordem ang. Lond. Su

Approvato a occazao para lembrar
a celebre lembrancas da casa d'Ordem
Franciza e as de meu querido filho com
veridica coragem como a qual importava

jointes aux 54 millions provenant des ventes et des coupes de bois, donnent 78 millions. Ces millions les princes d'Orleans refusèrent de les récupérer et les abandonnèrent à Etat. Mais il restait encore aux mains de l'Etat des immeubles que le gouvernement imperial n'avait pas trouvés à vendre, et qui représentaient une valeur de 40 millions environ. Ce sont ces immeubles pour la plupart d'un entretien coûteux, ce sont ces morceaux de la fortune patrimoniale des prince d'Orleans, qui furent retournés à leur légitime propriétaire, et non un centime d'argent munié à prendre sur le budget obéré par l'année terrible."

De forma que os Orleans recuperaram apenas imóveis no valor de 40.000.000 quando lhes fôra tomado 80.000.000 e o Estado auferira rendas de 1.200.000 anuaes durante treze anos. Estes 40.000.000 francos que regressam a uma familia tradicionalmente equilibrada não saíram da França e um dos Orleans, o duque d'Aumale, apresentou ao Instituto de França o dominio de Chantilly cujo castelo, terras e outros imóveis valem muito mais de 40.000.000. Sem falar nas cole-

ções de quadros, armas, porcelanas, marmores, livros, tapeçarias, impossíveis de serem avaliados mesmo aproximadamente. Chantilly não tem preço em moeda.

Oliveira Viana no “Occaso do Imperio” pincéla, com a justeza e brilho habituaes, um retrato do conde d’Eu no meio de sua impopularidade convencional e sistematica.

“O conde d’Eu não conseguiu nenhuma popularidade, nem mesmo sequer a *sympathia* dos circulos politicos e sociaes do paiz. Era elle um typo acabado de gentilhomem, mas a quem faltava o tacto preciso para entremosstrar as muitas riquezas occultas da sua alma, os seus grandes dons aristocraticos de character e de intelligencia. Ninguem foi mais mal comprehendido no seu meio do que elle; a maledicencia tomou-o à sua conta para impopulariza-lo, projectando a sua personalidade na imaginação das massas, não uma imagem exacta mas uma imagem deformada e caricatural, em que não eram escassos os traços de antipathia e de grotesco. E’ assim que, sendo um bravo nos campos de batalha, diz uma

testemunha daquella epocha, nunca se fez um heróe estimado e consagrado pelos seus companheiros d'armas; sendo um homem de maneiras simples, nunca se fez popular; um verdadeiro "*mãos largas*" em favor dos necessitados mas que passava, entretanto, pela suspeita de avareza e de sordidez".

Levadas pelos jornaes, que sendo oposicionistas atraem leitores pelo prazer humanissimo de discordar, essas lendas sem respostas explicadoras batiam todo Brasil. Multiplicava-as a imaginação partidaria e como o conde d'Eu não jurara bandeiras a "luzias" ou "saquaremas", uns e outros responsabilisavam-no pela chuva e bom-tempo.

Quando Silveira Martins, na faze conservadora de sua transbordante atividade, iniciou a propaganda do "terceiro reinado", era justamente o conde d'Eu o argumento supremo de desconfiança e antipatia instintiva.

Assim o evoca Alberto de Faria, em plena luta, no pampa gaúcho:

"De repente, um tropeço; numa das curvas dessa estrada de victorias, ficava de pé

um obstaculo: velho amigo para o qual sua palavra era o Evangelho, um estancieiro que o alojava por uma noite, baixára os olhos para contraminar-lhe a eloquencia: — Conselheiro, se o Sr. disser: — “alli vae um burro voando”, eu abaixo os olhos e digo — que asas grandes que elle tem! mas, o *francesz*, tenha paciencia, eu não engulo.”

.....

Dizem que a maior distancia entre o conde d’Eu e a popularidade negociante era ele não haver “entendido” a mentalidade brasileira. Creio ser impossivel a união desses vertices. A mentalidade brasileira só compreenderia um principe na accepção tintinabulante e mirabolante do vocabulo. Rei para ela seria Dom Pedro I, cavaleiro, conquistador, coberto de medalhas, fazendo discursos nas praças e galopando à frente de regimentos vistosos. O conde d’Eu não se podia contrafazer. Haveria de ser o que nasceu sendo, homem de habitos, gostos e costumes modestos, sem rutilancias e decorações que denunciam, nas almas primitivas, a presença dos soberanos. O Jesus Cristo impressionador sempre será o dos milagres multiplicadores do pão, o caminhador sobre as

Al Museum et Madam Genevra de Leste
L'ambranco e affettuoso d'un compariore de viaggio
do hospede "Nascita", a grande e a sua affetto
do solo modo da Costa toiro em ha em fies ha
no rogacione infrascripto

João de Orleans e Comte de
em vespere de Eugenia de 28 de agosto de 1924

As ultimas letras do Conde d'Eu. Datam do mesmo dia de sua morte, 28 de agosto de 1922. S. A. agradecia ao sr. José Pereira da Costa um presente de vinho do Porto. Não esqueceu a referencia ao Brasil. Antes de datar escreveu "em vespere de chegar ao Rio".

aguas, o aplacador das tempestades, o Deus luminoso e policromo do Tabôr. Para o grosso publico a doutrina escapa como escapou ao judeu, lembrado de Jeová, bramindo entre as sarças chamejantes ou corôado de relampagos no cimo do Sinai.

O CONDE D'EU PERANTE A REPUBLICA

O conde d'Eu foi o primeiro e possivelmente o unico dos membros da familia imperial a esperar a Republica. Havia nele a experiencia da raça e o espetaculo politico da Europa. Ele via no Brasil a Republica como uma idéa de Idade de Ouro, confusa em sua rutilancia, ampla em seu prestigio porque tudo prometia sem forma expressa de realização. Todos os desejos cabiam dentro daquele bojo sonoro. Era uma aspiração mas aspiração instintiva e quasi fisiologica de distensão muscular. Pedia-se outro ritmo porque aquele existente, embora certo e raciocinado, levava a nau imensa num vagar remorado de quem sóbe rio manso. Quem *via* a realidade brasileira, o Brasil do norte e do Sul, o povo e sua indole, o nivel restrito da nossa mentalidade politica, os

habitos partidarios, a superstição dos nomes, a facil pirotecnica das popularidades instantaneas no fastigio e no declinio, virava o leme ao rumo acenador de maravilhas e preferia costear, de porto em porto, na segurança monotona dos portulanos.

A Republica foi acaso feliz. Um golpe brusco, inesperado que derruba o gigante. Aqui não houve o biblico desafio de Golias. David é que o matou, como Judit a Holofernes — depois duma festa.

A opinião publica não se pronunciara. Não dera seu juizo, sua critica, sua opinião. Não viera proclamar a republica pelas armas como os francezes em 1848 nem pelo voto como os espanhoes em 1931.

A tropa obedeceu a chefes habituados a mandal-a. Não mais se discute que o movimento era contra Ouro Preto. Havia prestigio republicano meramente pessoal. A influencia social, eleitoral, positiva, consciente, real, não havia. O resto é eloquencia.

Os depoimentos fazem justiça, unanimemente, à serena attitude do conde d'Eu. Elle não perdeu sua polidez de maneiras nem se lhe turvou o tim-

bre masculino da voz. D. Pedro nunca pensou em cercar-se de batalhões de elite, talvez pensando no Sete de Abril com o “batalhão do Imperador”. A presença dos FONSECAS no levante de 1889 lembrava os LIMA e SILVA de 1831. — E nem sequer havia uma aristocracia titulada e hereditária que cercasse o trôno, defendendo-se defendendo-o.

O conde d'Eu compreendia tudo. Nem tentou seus companheiros. Tranquilo e cortez recebia os enviados republicanos como se tratasse de mensageiros de outra espécie. Na hora de embarcar, do palácio para o caes, dispensou o carro e fez o trajecto a pé, como num passeio banal.

Todos os outros membros da família imperial tinham o direito da livre expansão à dor. Podiam dizer a extensão do pensamento, detalhar as magoas, reprochar a ingratição daquele punhado de homens audazes e sinceros, todos protegidos pelo ancião a quem destrônavam. Ao conde d'Eu estava vedada a porta deste desafogo. Qualquer palavra sua ser-lhe-ia tomada com lamentação egoísta e interesseira. Não se veria num príncipe-soldado o seu trabalho dedicado de vinte e cinco anos de Brasil. A tática jornalista orientar-se-ia indicando Gastão d'Orleans como o ho-

mem que se lastima, no momento do incendio, pela roupa que perde. Seus cargos, sua posição, seu futuro de rei, estas perdas falaria alto e convulsivamente. Gastão d'Orleans sentiu o peso terrivel de sua attitude e a manteve até o fim, correta e digna.

Mas existe um documento dirigido pelo conde d'Eu ao tenente-coronel Benjamin Constant Botelho de Magalhães, ministro da guerra. E' o pedido de demissão de comandante geral de artilheria. E' a palavra direta, official, a um governante republicano. Nele o principe reconhece claramente a vitoria do novo regime. Este officio, de 17 de novembro de 1889, merece um registro:

“Illm.º e Exm.º Sr. — Rogo a V. Ex. me conceda exoneração do cargo de commandante geral de Artilheria, que exerço desde o dia 19 de novembro de 1865, e licença para retirar-me do paiz.

Diz-me a consciencia que sempre servi à Nação Brasileira, na medida de minhas forças e intelligencia, e procurei guardar justiça para com os meus commandados. Della

me despeço saudosamente, assim como de todos os meus camaradas do Exército Brasileiro.

Si não fossem as circumstancias que bem contra a minha vontade me obrigam a sahir do paiz, e que não são desconhecidas de V. Ex., estaria prompto a continuar a servir debaixo de qualquer forma de governo à Nação, que por tantos annos me acolheu no seu seio, cumulando-me de honras e enchendo-me de immoredouras saudades e cuja prosperidade e gloria serão sempre um dos meus mais ardentes anhelos.

Deus guarde a V. Ex.

Illm.º Exm.º Sr. Tenente Coronel Benjamin Constant Botelho de Magalhães, ministro da guerra. — GASTÃO D'ORLEANS, marechal do Exército Brasileiro.

A dinastia a que se ligara não era, pois, o unico vinculo que prendia o fidalgo francez à terra brasileira. Fossem outros os motivos e ele ficaria. Só a razão moral, o imperativo emocionante, obrigaria sua retirada, impunha sua obediencia, forjava em aço a cadeia de sua solidiedade ao imperador.

Aos brasileiros, coletiva e indistintamente, o conde d'Eu despediu-se num manifesto que datou do navio que o retinha prisioneiro de honra até o exílio... em sua propria patria.

“Aos Brasileiros — A todos os amigos que nesta terra me favoreceram com a sua sincera e para mim tão prezada affeição — aos companheiros que, ha longos annos já, partilharam commigo as amarguras em prol da honra e segurança da Patria Brasileira — a todos os que na vida militar ou na civil até ha pouco se dignaram commigo colaborar, — a todos aquelles a quem, em quasi todas as provincias do Brasil, devo finezas sem numero e generosa hospitalidade, — e a todos os Brasileiros em geral um saudosissimo adeus e a mais cordial gratidão.

Não guardo rancor a ninguem e não me accusa a consciencia de ter scientemente a alguem feito mal.

Sempre procurei servir lealmente o Brasil na medida de minhas forças.

Desculpo as accusações menos justas e juizos infundados de que por vezes fui alvo.

A todos offereço a minha bôa vontade em qualquer ponto a que o destino me leve.

Com a mais profunda saudade e intenso pezar afasto-me deste paiz, no qual vivi, no lar domestico ou nos trabalhos publicos, tantos dias felizes e momentos de immortaldoura lembrança.

Nestes sentimentos acompanham-me minha mui amada esposa e nossos ternos filhinhos, que debulhados em lagrimas conosco comprehendem hoje a viagem do exilio.

Praza a Deus que, mesmo de longe, ainda me seja dado ser em alguma cousa util aos Brasileiros e ao Brasil.

.....

Bordo da canhoneira "Parnahyba", no ancoradouro da Ilha Grande. — 17 de novembro de 1889. — GASTÃO D'ORLEANS.

Assim é que o conde d'Eu se retirou do Brasil. Taes foram suas despedidas. A serenidade de sua conduta tem o direito de emprestar, a este periodo, de suprema grandeza que comove, o signo uma sinceridade impressionadora.



O Conde d'Eu á bordo do "Massilia". (Foto no dia de sua morte, 28 de Agosto de 1922)

O soldado de Tetuan, o general-em-chefe dum Exercito vitorioso, o principe-consorte, já nada mais é que o esposo duma Herdeira exilada, membro duma familia proscrita, fiel a um rei sem trôno...

NO EXILIO...

Voltando à França Gastão d'Orleans fixou sua residencia no velho castelo d'Eu, o casarão dos Guises cujos retratos sisudos apavoravam a meninice curiosa do principe de Joinville. A imperatriz morrera em dezembro de 1889, no Porto, num quarto de hotel. Fôra a primeira viti-ma da Republica incruenta. D. Pedro II arrastou até dezembro de 1891 sua infatigavel atividade pelos museus, conferencias e bibliotecas de França. E o Imperadôr do maior imperio d'America faleceu num quartinho do hotel Bedford, em Paris.

O conde d'Eu viajou. Fez a jornada que lhe deu o "JOURNAL D'UNE PROMENADE AU TOUR DU MONDE EN 110 JOURS", visitando os Estados Unidos, Japão, China, Ceilão, Indias, Egito, Terra Santa.

Restou depois ao soldado, ao general moço, o destino de educar os filhos. Revivia neles a justiça da frase de Robert Peel saudando Luis Felipe — *“Rei feliz! Tendes a gloria de todas as vossas filhas serem virtuosas e todos os vossos filhos serem bravos.”*

A educação de seus tres filhos absorveu o conde d'Eu. No Rio de Janeiro fôra seu maximo cuidado. Um dos mestres dos principes, o barão de Ramiz, assim se expressou:

“Pai extremoso e exemplarissimo chefe de familia, o principe acompanhou com solitudine a educação de seus filhos, quando chegou a oportunidade de lhes dar um preceptor para que iniciassem estudos. Honrado então com essa melindrosa incumbencia e tendo vivido por sete annos, de 1882 a 1889, na intimidade daquelle virtuoso lar, posso dar testemunho do interesse que o principe ligava ao progresso intellectual e moral de seus filhos, sem aliás interviesse jamais, cerceando-me a auctoridade indispensavel ao educador.

.....

Durante a travessia para a Europa a atenção do conde d'Eu estava sempre voltada para que os principes não perdessem tempo dos estudos. O sr. Tobias Monteiro registou as recordações do capitão José Maria Pessoa, comandante do "Alagôas" que levou a familia imperial para o exilio.

"O Conde d'Eu mostrava-se tranquillo e sobretudo cuidava dos filhos. Durante todos os dias da viagem arvorou-se em mestre-escola, velava sobre elles com grandes extremos e severa disciplina. Os principes tinham horas rigorosas de accordar e recolher, para o banho, o recreio e as licções. A respeito dos incidentes de bordo, elle sempre achava meios de instruil-os, chegando o seu apuro até os levar à machina e explicar-lhes o que podia estar ao alcance de intelligencias tão novas.

De politica falava pouco; comtudo, o comandante o pôde ouvir uma vez a esse respeito. O 15 de novembro não fôra para elle uma surpresa. Desde a guerra do Paraguay via a republica caminhar entre as

fileiras do exercito e não occultou as suas impressões ao imperador.”

.....

O destino pagou nas alegrias domesticas o que lhe negara nos sucessos publicos. O primogenito, D. Pedro, nasceu em Petropolis a 15 de outubro de 1875, aniversario do casamento de seus pais. Principe do Grão Pará, titulo que lhe dava a Constituição do Imperio por ser o primeiro filho da Herdeira do Trôno, completou sua educação na Europa e cursou uma escola militar austriaca onde chegou a capitão. Renunciou seus direitos à sucessão dinastica em Cannes, a 30 de outubro de 1908. Casou em Versailles a 14 de novembro do mesmo ano com Maria Elizabét Adelaide, condessa Dobrzensky de Dobresenicz, filha do conde João Dobrzensky de Dobresenicz e de Elizabét, condessa Kottulinsky von Kottulin and Krzischkowitz. Teve cinco filhos (11). A mais velha, D. Izabel, nascida no castelo d'Eu a 13 de

(11) O principe D. Pedro tem cinco filhos. D. Izabel, (13-8-911), D. Pedro de Alcantara (19-2-913), D. Maria Francisca, (8-9-914) nascidos no castelo d'Eu, D. João, (15-10-916) e Dona Tereza Maria, (18-6-919) nascidos em Boulogne-sur-Seine.

agosto de 1911, casou com Henrique Fernando Roberto, conde de Paris, filho de João d'Orleans, duque de Guise.

Dom Pedro d'Orleans Bragança é um solido homem, forte, sereno, com a afabilidade do pai, Espirito equilibrado, pratico, perfeito conhecedor dos problemas economicos, é uma surpresa ve-lo discorrer, com facilidade e justeza, sobre suas observações e viagens, amigos de ambas como é. Na intimidade de nossa casa tive a alegria de ouvi-lo sustentar palestras interminaveis com meu pai, velho sabedor da vida nordestina. D. Pedro reside comumente em Eu, mansão onde tantos brasileiros encontram, numa hospitalidade generosa, o perfume dum lar brasileiro. Dos arquivos do castelo d'Eu saíram documentações ricas em novidade e colorido para livros de Alberto Rangel e de Tobias Monteiro.

Dom Luis d'Orleans-Bragança, nascido em Petropolis a 26 de janeiro de 1878, casou a 4 de novembro de 1908 com D. Maria Pia de Bourbon-Sicilia, filha de Afonso, conde de Caserta, chefe da Casa Real das Duas Sicilias, e da princeza Maria Antoniêta de Bourbon. Teve tres filhos. Dom Pedro Henrique, Principe Imperial do Bra-

sil, nascido em Boulogne-sur-Seine, a 13 de setembro de 1909, atual representante do principio monarchico brasileiro, Dom Luis Gastão, nascido em Cannes a 19 de fevereiro de 1911 e morto a 9 de setembro de 1931 e Dona Maria Pia, nascida em Boulogne-sur-Seine a 4 de março de 1913.

Pela desistencia de seu irmão mais velho recebeu dom Luis os direitos à corôa imperial do Brasil. Viajante, jornalista, poliglota, escritor, ensaista, orador e soldado, tudo fez bem. Premiado pela Academia Franceza e pela sociedade de Geografia de França, viajou meio mundo, estudando sempre, anotando tudo. Publicou "Dans les Alpes", "Tour d'Afrique", "A travers l'Hindu-Kush" e "Sous la Croix du Sud" e o famoso "Manifesto" (1913).

Principe perfeito, impecavel de graça, de elegancia, de polidez, nele se reuniam virtudes altissimas de coração, de cultura e de carater. Nasceu para um trôno que estava cada dia mais proximo de si. Derredor de sua figura moça e altiva, de sua palavra ardente e alta, agrupavam-se as expressões moças de sua patria. Derredor de sua fisionomia admiravel de beleza moral, de honestidade, de patriotismo vibrante, de alegria vi-

toriosa, havia uma perpetua e crescente curiosidade por todos os conhecimentos. Seu nome era um orgulho para a mocidade de sua Patria. Havia em sua vida sadia e luminosa um signal de irresistibilidade, de arrancada para a Gloria. Jornalistas, escritores, industriaes, poetas, soldados e marinheiros, voltavam fascinados por aquele moço d'olhos azues, aquele brasileiro exilado, que falava do Brasil sabendo tudo, prevendo tudo, amando todas as cousas, todos os homens de sua terra maravilhosa. Diante de seus olhos claros o Destino desdobrava perspectivas inesperadas e ridentes. Aos seus passos as simpatias multiplicavam-se como por milagre de fé e de esperança nas reservas moraes de sua personalidade.

Mas veio a Guerra... D. Luis d'Orleans Bragança, capitão honorario do Exercito Inglez, esteve na linha de batalha desde 23 de agosto de 1914 até 15 de junho de 1915. Oficial do Estado Maior de *sir* Douglas Haig, encarregou-se de comunicações arriscadas, atravessando baterias que despejavam morte, afrontando o frio e a lama. Os pantanos gelados do Yser feriram-no de morte. O ministro da guerra de França, André Lefevre, reconheceu que o principe morria de moles-



O Conde d'Eu no seu leito de morte, á bordo do "Massilia"

tia contraída na linha de batalha. O Rei da Belgica condecorou-o com a Medalha Militar do Yser. A titulo postumo dom Luis foi cavaleiro da Legião de Honra. Teve a Cruz da Guerra em virtude da citação na Ordem do Exercito Francez (25 de julho de 1920) com largo elogio. O Governo Britanico agraciou-o com a "British War Medal", com a "Victory Medal", com a "Star", de 1914-15.

Dom Luis veio morrer em sua doce casa de Cannes, perto do mar que o lembrava o indigo dos preamares cariocas. Morreu tranquilo, sereno, certo de ter bem defendido sua causa e su'alma. Na madrugada da morte recebeu os Santos Sacramentos dizendo: — *"Quero que meus filhos me vejam receber os ultimos Sacramentos afim de conservarem sempre a recordação desse grande dever cumprido por seu pai"*. A 26 de março de 1920 morria como um Cruzado, fiel ao seu Deus, à sua Patria e aos seus amigos.

Dom Antonio d'Orleans Bragança, o mais moço dos filhos do conde d'Eu, nasceu em Paris a 9 de agosto de 1881. Era mais Bragança no fisico e mais Orleans no mental. Estudioso, calmo,

risonho, gentil. Fino espirito a quem a Vida estende as mãos repletas de rosas.

Mas veio a Guerra... Dom Antonio, capitão do Regimento "Royal Canadian Dragoons" esteve presente desde 23 de agosto de 1914. Recebeu a 17 de junho de 1917 a "Military Cross". A titulo postumo teve tambem a "Croix de Guerre" em virtude da Ordem do Exercito Francez a 14 de novembro de 1919. Oficial no serviço de comunicações, arrostando a fuzilaria inimiga, preferindo os acometimentos mais ousados, voando sempre em aviões militares para ganhar tempo, D. Antonio foi um exemplo da despreocupada coragem dos Bragança e da combatividade legendaria dos Orleans. Em viagem de serviço dom Antonio atravessou a Mancha e o aeroplano caiu em Edmonton. Arquejando sob os destroços o principe agonisava. Pronunciou, num lampejo de fé consoladora, quando o retiravam: — "*Pater Noster*". E faleceu no hospital militar de Edmonton a 29 de novembro de 1918 depois de receber os Santos Sacramentos.

Tal foi o destino invejavel e soberbo destes dois principes. O conde d'Eu viera por sua vez

oferecer-se, aos oitenta anos, para a defesa de sua patria invadida.

Sintese de educação viril, de fortaleza mental, de coragem fisica, com a convicção pessoal que o merito não vem na honra do nome herdado, os filhos do conde d'Eu são valores que se alinham à direita dos fatores civicos duma raça. Eles honrariam qualquer . . .

O REGRESSO EMOCIONAL

A 3 de setembro de 1920 o dr. Epitacio Pessoa, presidente da Republica do Brasil, assinou o decreto legislativo n.º 4.120 revogando os artigos primeiro e segundo do decreto n.º 72-A, de 21 de dezembro de 1889, pelo qual o Governo Provisorio baniu do territorio nacional a familia reinante. O conde d'Eu, a princeza Izabel, o filho dom Pedro, netos, todos podiam voltar à terra brasileira. No exilio o conde d'Eu creara artificialmente, com a ajuda da "Redentora", o ambiente do Brasil derredor de seus filhos e netos. Todos falam o portuguez com o timbre e modismos peculiares ao Brasil.

O encouraçado "São Paulo" trouxe os venerandos despojos dos imperadores. Gastão d'Orleans e seu filho, d. Pedro, acompanharam os corpos naquele regresso emocional. No Rio de Janeiro uma multidão contrita desfilou ante a carreta que os marinheiros levaram num orgulho çonsciente.

Em volta do conde d'Eu houve uma atmosfera de carinho, de admiração e de simpatia. Desde sua chegada, a 8 de janeiro de 1921, os movimentos de festas sucediam-se. Imponente em sua velhice gloriosa o venerando príncipe centralisava a vida social do Brasil. Só nele se falou e sua presença era o téma emotivo de todas as palestras. O Instituto Historico Brasileiro, de quem o conde d'Eu era presidente de honra e decano dos socios, recepcionou-o a 12 de fevereiro. Sua visita a Vila Militar e o lindo discurso que lá pronunciou empolgaram a rude alma sentimental dos soldados que o vitoriam. Esteve em Petropolis, "cidade de Pedro", a Cidade Imperial, aristocratica e silenciosa, plantada como uma flor de luxo nõ araxá, ao lume d'agua lenta e das hortencias ornamentaes.

A saude da princeza Izabel era precaria. Urgia voltar. Em julho o conde d'Eu estava no

velho castelo de quem usava o nome. Mas outra viagem já se delineava n'alma do principe, velho ancioso de saciar saudades, trinta e um anos de saudades e de ausencia forçada. . .

A 5 de julho escrevia-me d'Eu.

“Estimarei muito poder aproveitar sua projectada viagem para travarmos conhecimento já que infelizmente o estado da saude da Princeza não me permite por emquanto tornar ao Brasil como tanto desejo”.

Os mezes decorreram sem que pudesse vir. A 14 de novembro de 1921 D. Izabel morria. O ano da Independencia, o primeiro centenario do Sete de Setembro, começava pelo luto fechado, pela dor inenarravel para todos quanto tiveram a dita de beijar a mão augusta da “Redentora”.

O conde d'Eu doente, alquebrado pela saudade, sem animo, existia pela força moral vibrante que nele era um fator permanente de vitalidade. Resolveu, não obstante, voltar ao Brasil para assistir às festas do Centenario. Antes foi a Roma a um Congresso Eucaristico, acompanhando a pé as procissões e orando como sabe orar quem tem fé.

Julgavamos sua viagem preterida. Escreveu-me de Roma indicando fontes para um estudo que planeavamos de sua ação no Paraguai. A 4 de julho de 1922 escrevia do castelo d'Eu. A saúde estava fraca, vacilante, desequilibrada. O regresso ao Brasil adiava-se.

“... a minha saúde alterou-se por estes dias com o apparecimento de breves casos de sufocação de character asthmatico ou cardiaco. Este estado de cousas obriga-me abandonar assim como minha familia, nosso projecto de ir ao Brasil tomar parte na celebração do Centenario da Independencia, é para nós grande contrariedade”.

A Religião consolava-o. Havia de reunir-se um dia aos filhos que morreram como soldados de Cristo-Rei, comungando e orando, e à Esposa, renditora de uma raça, a princeza a quem Leão XIII dera a Rosa de Ouro que para ela fôra uma allegoria de martirio e sacrificio.

A ternura do velho conde d'Eu ficava, num manso orgulho paterno, enobrecida pela tranquila confiança, com a serena resignação catolica com

que D. Luis e D. Antonio haviam recebido a visita da Morte.

Num post-scriptum à sua carta de julho, a ultima que me enviou, mandava os memorandos funebres de D. Izabel e dos principes.

Passa rapida a viva alusão à coragem dos filhos. Morreram como catolicos o que significa que morreram como homens fieis a seu crêdo, conscios da ancestralidade divina de sua propria criação, crendo que a finalidade vital não é o jogo dos sentidos nem a vida é um processo de fermentação.

“Aproveito a occasião para enviar-lhe a religiosa lembrança da nossa saudosissima Princeza e as de meus queridos filhos onde verá a coragem com a qual se portarão”.

Na carta inda me falava na certeza da vitoria que no Paraguai o animava sempre. Ali se jogavam “*paz honrosa e a segurança das fronteiras*”. Lamentava já não poder escrever uma Historia da Guerra agora que a atuação brasileira no Plata era tão deturpada e controvertida.



O tumulo dos Condes d'Eu em Dreux.
A' direita, D. Izabel, "A Redemptora", e á
esquerda, Gastão d'Orleans, Conde d'Eu.

Bruscamente, a 10 de agosto, o conde d'Eu telegrafa ao conde de Afonso Celso, amigo de quarenta anos leaes.

“Apezar de minha saude exigir precauções bastantes em consequencia do abalo que me deixou como cardiaco, espero achar-me no Rio em principios do proximo setembro e tomar parte com os collegas e amigos do Instituto na celebração do centenario da Independencia Patria”.

Partiu no “Massilia”. Trazia a princeza D. Maria Pia, viuva de D. Luis e os netos. Mas o coração' traíu-o. Sentindo-se morrer pediu a Extrema Unção, aconchegando ao largo peito o Crucifixo que sua avó, a rainha Maria Amelia, lhe déra no dia de sua primeira comunhão e que tinha as indulgencias plenarias.

Morreu em alto mar, a 28 de agosto de 1922...

O principe da Casa de França, o general vencedor de Solano Lopez, o escritor, viajante, neto de Reis, genro de imperador, teve seu esquite flutuante como um simbolo classico da inquietude infixavel dos destinos...

Teve, numa compensação tragica, a semelhança paterna. Como seu pai esteve para reinar, commandou milhares de homens, assistiu a todos os espectaculos que o Poder e a Gloria dão aos predeterminados. Como Nemours sofreu o exilio, a incompreensão, a injustiça e o esquecimento. . .

A 31 de agosto o corpo chegou ao Rio e foi exposto na Igreja da Santa Cruz dos Militares onde uma população contemplou emocionada os restos materiaes do grande soldado do Brasil. Outra vez levaram-no para a França abrindo nova divida no passivo da gratidão nacional.

Sobre a nobre figura do conde d'Eu desabaram todas as tempestades do odio, da accusação e da mentira. Só o Tempo teve o dom de alimpar tantas nevôas densas acumuladas sobre fatos illustres e feitos valorosos.

A rehabilitação de sua vida publica se fez continua e claramente. Ele reaparece mais alto agora que seus inimigos convencionaes o proclamam puro, honesto e são. Seu maior crime foi o não aliar-se às correntes partidarias que dividiam o Imperio. Sem amigos politicos porque nunca se poz como procurador dos Partidos nos corredores do

Paço, cingiu sua vida à pauta rigida e reta de ser fiel ao seu Deus e ao seu imperador.

Defeitos e erros humanos resgatou-os num exilio que a saudade tornava insuportavel e cruel. Vinte e cinco anos de Brasil ligaram-no para sempre à alma da terra que defendeu e batalhou.

E a Historia brasileira fará a justiça definitiva, completa e clara, ao conde d'Eu, principe de França e Marechal do Brasil. . .

A D E N D O S

D. Luis d'Orleans-Bragança

Possuia a Gran-Cruz das Ordens de Pedro I e Rosa, do Brasil, Carlos III, de Espanha. Medalha Militar do Yser por S. M. Alberto I, Rei da Belgica. Cavaleiro da Legião de Honra, França e Cruz da Guerra. O Governo Britanico condecorôu-o com a "British War Medal", a "Victory Medal" e o "Star", referentes aos anos de 1914-1915.

A nota escrita sobre ele pelo tenente-coronel A. Jamet, da Missão Militar Franceza adida ao Corpo Expedicionario Britanico de 1914-15, fornecida oficialmente, é a seguinte:

“Agregado com Tenente ao E. M. do 1.º Corpo Britanico (o do General Douglas Haig) desde 25 de agosto de 1914, S. A. R.

o príncipe D. Luis de Orleans Bragança contribuiu com a maxima eficacia para assegurar a comunicação com os Corpos Francezes visinhos, notadamente no combate de Landrecies a 25 de agosto e depois durante a retirada por zonas expostas às incursões de patrulhas alemães e particularmente a 3 de setembro nos arredores de Château-Thierry. Depois da batalha do Marne assistiu com o 18.º Corpo ao ataque de Montereau-lès-Provins a 7 de setembro, no dia 8 ao combate de Trétoire e finalmente de 13 de setembro a 15 de outubro, à primeira batalha do Aisne no setor de Bourg-et-Comin, onde assegurou, muitas vezes repetidas, em zonas dominadas pelo fogo de artilharia, a comunicação com os setores visinhos ao 18.º Corpo

Durante as tragicas jornadas da primeira batalha de Ypres de 20 de Outubro a 21 de novembro em que a linha ingleza escapou de ser rompida varias vezes, ele prestou serviços dos mais assinalados contribuindo dia e noite, com inalteravel dedicacão e energia a toda a prova, para assegurar a comunicação com os Corpos Francezes visinhos

em um setôr que, formando uma saliência para dentro da linha inimiga, sofria tiros intensos de sua artilharia; especialmente a 22 de outubro no combate de Bischoote, em Zonnebecke com a 18.º Divisão, no combate de Veldhock com os Zuavos do Coronel Eychéne e a 31 de outubro.

A datar de 1.º de janeiro de 1915 o príncipe acompanhando o general Douglas Haig passou para o E. M. do 1.º Exercito e ali continuou a prestar serviços igualmente relevantes, particularmente a 10 de março por ocasião da tomada de Neuve-Chapelle, depois em Cambrin, em Fosse-Calonne, no setor do 10.º Exercito.

Nessas diferentes missões nunca deixou de mostrar-se de uma dedicação a toda a prova, de uma animação comunicativa, de um sangue frio notavel nas mais arduas conjecturas, de uma coragem inalteravel no fogo e de uma compreensão, muito para notar-se, das situações taticas. Sua saude, gravemente alterada pela rude campanha do Yser, obrigou-o a retirar-se prematuramente do seu Estado Maior, no qual só deixou amiza-

des, elevado apreço de suas belas qualidades militares e pesar unanime de sua partida”.

A citação na Ordem do Exercito Francez, a 27 de julho de 1920, assinada pelo ministro da Guerra, M. André Lefèvre, assim reza:

“Agregado sucessivamente ao Estado Maior do 1.º Corpo do Exercito e do 1.º Exercito Britanicos, distinguiu-se como Oficial de ligação entre as tropas Francezas e as Inglezas, particularmente em outubro de 1914 e no correr dos primeiros mezes do ano de 1915, desempenhando as missões que lhe eram confiadas com o maior sangue-frio, na zona de guerra avançada, e sob o bombardeio da artilharia inimiga. Faleceu em consequencia de molestia contraída na linha de batalha”.

Chamava-se Luis Felipe Pedro de Alcantara Gastão Miguel Gabriel Rafael Gonzaga.

D. Antonio d'Orleans Bragança

Dom Antonio possuia a Gran-Cruz das Ordens Brasileiras de D. Pedro I e da Rosa, de



D. PEDRO D'ORLEANS-BRAGANÇA E SUA
FAMILIA (1927)

Da esquerda para a direita: D. Izabel, atual Condessa de Paris, D. Pedro D'Orleans-Bragança, D. Pedro de Alcantara, D. João Maria, D. Tereza Maria Cristina, a princesa D. Maria Elisabét e D. Maria Francisca.

Nosso Senhor Jesus Cristo, de Portugal, de Carlos III, d'Esanha, do Merito, da Bulgaria, a "Croix" de Guerre, França e a "Military Cross", da Inglaterra.

Chamava-se Antonio Gastão Felipe Francisco de Assis Maria Miguel Gabriel Rafael Gonzaga.

Citação lida por ocasião da entrega da "Military Cross" a 13 de junho de 1917:

"Durante os cinco dias que precederam a operação de 26 e 27 de maio, na qualidade de "Intelligence Officer", observou a pequena distancia as posições inimigas; finalmente, a 25 de maio, avançou em pleno dia, arrasando-se por uma encosta abaixo até certo ponto situado a menos de 360 metros dessas posições. Avistado pelo inimigo e exposto a fogo continuo d'infantaria e d'artilharia proseguiu apesar disso sua observação, determinando com a maior precisão, como os fatos mais tarde demonstraram, a posição de cada um dos quatro postos avançados do inimigo; e contribuindo consideravelmente para o bom exito da operação".

Trecho duma carta do general J. E. Seely, comandante da Brigada de Cavalaria Canadense, ao conde d'Eu, datada de 19 de abril de 1918.

“A 30 de março, por ocasião da tomada do bosque de Moreuil, a intervenção dos meus bravos Canadenses, que carregaram e derrotaram forças muito superiores em numero, contribuiu grandemente para mudar o resultado da jornada. Nessa conjuntura vosso filho prestou relevantes serviços e em circumstancias taes que ninguem poderia ter cumprido essa missão tão bem como ele. Trabalhava-se com efeito de manter estreita ligação com a Brigada Franceza à nossa direita. Tres vezes, debaixo dum fogo dos mais violentos, vosso filho fez a galope o trajecto dum posto de comando a outro, assegurando com o melhor resultado a cooperação das duas brigadas”.

Morreu solteiro.

Conde d'Eu

Luiz Felipe Maria Fernando Gastão d'Orleans, conde d'Eu, era Marechal efetivo do Exército Brasileiro.

Possuia a Gran-Cruz de todas as Ordens Brasileiras, D. Pedro I, Rosa, Cruzeiro, tinha as medalhas brasileiras de Uruguaiana, Merito Militar, Campanha Geral do Paraguai, Campanha Geral d'Argentina, medalha espanhola da Campanha d'Africa, gran-cruz da ordem ducal da Casa Ernestina da Saxonia, gran-cruz da Muito Nobre e Antiga Ordem da Torre e Espada do Valor, Lealdade e Merito, de Portugal, gran-cruz de Santo Estevam, da Hungria, gran-cruz da Ordem de Nosso Senhor Jesus Cristo, e São Bento de Aviz, ambas portuguezas, gran-cruz de Carlos III, d'Esanha, gran-cruz de Leopoldo I da Belgica, gran-cruz da Legião de Honra, da França, gran-cruz da Imperial Ordem da Aguia Mexicana, gran-cruz da ordem do Sol Nascente, do Japão e cavaleiro de primeira classe da Real e Militar Ordem Espanhola de São Fernando, sua primeira medalha de ordem honorifica.

INDICE DAS GRAVURAS

	PGS.
I — O Conde d'Eu em 1872	2
II — O Conde d'Eu com 28 anos: 1870	12
III — O Conde d'Eu em Dezembro de 1863. Capitão de Cavalaria do Exercito Espanhol. Foto tirado em Barcelona.	17
IV — O Conde d'Eu em 1864 quando casou.	25
V — Conde d'Eu, Marechal do Exercito Brasileiro, Gran-Cruz de todas as Ordens. Foto de 1864, logo após seu casamento	33
VI — Conde d'Eu, Comandante-em-chefe do Exercito Brasileiro no Paraguai. Foto de 1870	41
VII — D. Izabel de Bragança, Princesa Imperial do Brasil	49
VIII — O Conde d'Eu em 1920	57
IX — O Conde d'Eu em 1921	65
X — O Primogenito do Conde d'Eu, D. Pedro d'Orleans-Bragança, ex-Principe do Grão Pará. (De um retrato em 1893 quando cursava uma Escola Militar austriaca)	73
XI — D. Antonio d'Orleans-Bragança (fardado como oficial do Regimento "Royal Canadian Dragoons").	81
XII — D. Luis d'Orleans-Bragança.	89
XIII — O Conde d'Eu em 1922 (fotografia divulgada pela Familia Imperial por ocasião das exequias)	97

XIV — D. Izabel de Bragança, Condessa d'Eu (fotografia de 1931 divulgada pela Família Imperial por ocasião das exequias)	105
XV — O ultimo grupo. D. Izabel e o Conde d'Eu em 1921.	113
XVI — Facimile de uma carta do Conde d'Eu de 4 de Julho de 1921, ao autor	121
XVII — As ultimas letras do Conde d'Eu.	129
XVIII — O Conde d'Eu á bordo do "Massilia" (foto no dia de sua morte, 28 de agosto de 1922)	137
XIX — O Conde d'Eu no seu leito de morte, á bordo do "Massilia".	145
XX — O tumulo dos Condes d'Eu em Dreux.	153
XXI — D. Pedro d'Orleans-Bragança e sua familia em 1927	161

**ESTE LIVRO FOI COMPOSTO E IMPRESSO NAS
OFFICINAS DA
EMPRESA GRAPHICA DA "REVISTA DOS TRIBUNAES",
A RUA XAVIER DE TOLEDO, 72,
EM SAO PAULO,
PARA A COMPANHIA EDITORA NACIONAL,
RUA DOS GUSMÕES, 20
EM AGOSTO
DE 1933**